

ELIEZER AMARAL DE MEDEIROS

**ENCONTREI
MINHA ALMA
NA POESIA**



Universidade Estadual da Paraíba

Profª. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Profª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Latus é um selo da Editora da
Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes | *Design Gráfico e Editoração*

Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*

Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*

Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*

Danielle Correia Gomes | *Divulgação*

Gilberto S. Gomes | *Divulgação*

Efigênio Moura | *Comunicação*

Walter Vasconcelos | *Assessoria Técnica*

ELIEZER AMARAL DE MEDEIROS

**ENCONTREI
MINHA ALMA
NA POESIA**



**Campina Grande-PB
2023**



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes | *Design Gráfico e Editoração*

Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*

Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*

Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*

Danielle Correia Gomes | *Divulgação*

Gilberto S. Gomes | *Divulgação*

Efigênio Moura | *Comunicação*

Walter Vasconcelos | *Assessoria Técnica*

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

M488e Medeiros, Eliezer Amaral de.
Encontrei minha alma na poesia / Eliezer Amaral de
Medeiros. – Campina Grande : EDUEPB, 2023.
161 p. : il. ; 15 x 21 cm ; 1,2 MB.

ISBN: 978-85-7879-706-5 (Impresso)

ISBN: 978-85-7879-701-0 (E-book)

1. Poesia brasileira. 2. Sonetos. 3. Poemas líricos. I.
Medeiros, Eliezer Amaral de. II. Título.

21. ed. CDD 808.1

Ficha catalográfica elaborada por Ana Patrícia Silva Moura – CRB-15/945

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA,	9
AGRADECIMENTOS,	10
PREFÁCIO,	11

CAPÍTULO 1

SONETOS, 15

ILUSÃO DA VIDA,	16
CRIANÇA,	17
JESUS RAIOU NA MINHA VIDA,	18
PERFEITO AMOR,	19
QUINTAL DO CHICÃO,	20
ACRÓSTICO FERNANDO AMARAL,	21
MORTE TRAIÇOEIRA,	22
A NATUREZA,	23
O ENIGMA DE SANSÃO,	24
VIDA QUAL PIÃO,	25
MAGRICELA AVOADA,	26
LAZARINA,	27
PÉ DE UMBU CAJÁ,	28
JOSÉ PEDRO,	29
AMOR QUE SE ESPERA,	30
MEU AMOR,	31
FLOR DO DESERTO,	32
REDEZINHA,	33
ROSA NEGRA,	34
VELHO DESPREZADO,	35
RIACHO MARACAJÁ,	36

MINHA ALMA NA POESIA, 37
DEUS DE PROVIDÊNCIA, 38
VAGUEAR NA CHUVA, 39
MEU BEM-TE-VI, 40
MINHA FORMOSA AMADA, 41

CAPÍTULO 2

POEMAS LÍRICOS, 42

CAVALGANDO EM BUSCA DE UMA PAIXÃO, 43
APAIXONADO JOVEM SERESTEIRO, 45
GOTA DE ORVALHO, 46
A BELEZA DE UMA NOITE DE LUAR, 47
VIVER TUDO NOVAMENTE, 48
AMOR E ESPINHOS, 49
EU E A MINHA SOLIDÃO, 50
UM AMOR QUE SE FOI, 51
FELICIDADE, 52
DESEJO PELO AMANHECER DE UM NOVO DIA, 54
BEIJA-FLOR, 56
A TERRA DOS MEUS ENCANTOS, 58
LUAR ALCOVITEIRO, 60
O ENCONTRO COM O AMOR, 62
MINHA PÁTRIA É O MEU LUGAR, 64
LUA COMPANHEIRA, 65
PRIMEIRO BEIJO, 67
SECA MALVADA, 69
CONSELHO AO PENITENTE, 72
AMIGO PORCO-ESPINHO, 73
A ESSÊNCIA DO AMOR, 74
PORCO-ESPINHO, 75

ABRIGO-DELEITO, 76
QUERER SER MENINO, 77
COMO NÃO CRER NO DEUS CRIADOR?, 78
FÊ, ANZOL E POESIA, 80
PÁTRIA AMADA, 82
FOME QUE ME CONSOME, 83
ROSAS ESPINHEIRAS, 84
MINHA SERIEMA, 85
ISAAC, FILHO DA VELHICE, 86
LÁ VEM O MENINO, 87
A JUVENTUDE SE FOI, 88
MENINA ENXERIDA, 89
DILEMA DO TEMPO, 91
SÃO JOÃO DO CARIRI, 92
LUZIA, 94
GAROTA DA JANELA, 95
NÃO FOI OBRA DO DESTINO, 96
MINHA ALVA FLOR, 97
VEM CÁ, VEM-VEM, 98
PERTO ESTÁ O AMANHECER, 99
QUERIA SONHAR SER UM RIO, 100
VIDA, COCO E COCADA, 101
ACHEI UMA FLOR, 102
COISAS DO MEU NORDESTE, 104

CAPÍTULO 3

LEMBRANÇAS QUE DEIXAM SAUDADES, 105

TERRA QUE NOS DEU À LUZ, 106
VELHO MERCADO, 107
BARREIRINHO, 109

JOSÉ SALVIANO, MEU PAI, 110
RÁDIO DE PILHAS CAMPEÃO, 112
CORACÃO: A VACA DE LEITE DE MEU PAI, 114
A MINHA QUERIDA FILHA DÉBORAH AMARAL, 116
A MINHA AMADA FILHA ELISA AMARAL, 117
ELISA AMARAL, 118
O OÁSIS DE DEUS NA MINHA VIDA, 119
OLHANDO-ME NO ESPELHO DO PASSADO, 121
HOMENAGEM A ELISA, MINHA AMADA MÃE, 124
JOSÉ, MEU PAI, 126
A VELHA JANELA DO CURRAL, 128
SAUDADE DO MEU IRMÃO, 130
CANÁRIO AMARELO DE MORADA, 132
SAUDADE DO FOGÃO VELHO DE LENHA, 134
JUAZEIRO AMIGO, 136
VISÃO DO PARAÍSO POR ELIZETE, 138
SAUDADE DA INFÂNCIA, 140
CASA MAL-ASSOMBRADA, 142
FANTASIOSA JORNADA, 144
SAUDADE DA INFÂNCIA, 146
BARAÚNA DO ROÇADO, 148
HISTÓRIAS QUE MINHA MÃE CONTAVA, 149
ICAPUÍ, 150
VELHAS RUAS, 151
AMANTES AO PÉ DA CRUZ, 152
QUISERA DIZER PRO MEU PAI, 153
ESPIANDO AS ÁGUAS DO TAPEROÁ, 155
MINHA JORNADA, 157
OBSERVANDO A VIDA, 159

DEDICATÓRIA

Dedicatória é sentimento do coração,
Repentina manifestação de amor,
Apreço por quem temos consideração,
Algo que aflora do coração ao compor.

Amo a minha família de coração:
Meus pais, que dormem no Senhor,
Minha esposa, meus filhos e irmãos,
Tenho por eles muita estima e amor.

Mas me veio no coração um ardor,
Um sentimento arrebatou meu coração,
Meu querido amigo, Gatito Júnior,
A te ofereço esta obra em dedicação.

Tu és irracional, mas meu fiel amigão,
És também obra da criação do Senhor,
Irrracional, mas cheio de afeto e amor,
Gato amigo, companheiro na solidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sobretudo e especialmente, a Deus que me concedeu inspiração e me iluminou para escrever esta obra, poemas que irão despertar emoções nos corações daqueles que os lerem.

Sou grato, também, aos meus pais (*in memoriam*), José Antônio de Medeiros (Zé Salviano) e Elisa Amaral de Medeiros, que me educaram e me incentivaram nos estudos, sendo um exemplo de força e superação, e um refúgio nos momentos de dificuldades.

A minha esposa Jacksandra da Silva Mendonça e aos nossos filhos Déborah, Elisa e Isaac, minha querida família, dádiva e bênção de Deus em minha vida, que me acalenta e conforta na caminhada da vida.

Finalmente, sou grato a minha irmã Elizete Amaral de Medeiros, que me estimulou a realizar esta obra e participou como exímia revisora.

PREFÁCIO

Confesso a minha surpresa ao receber uma ligação do amigo conterrâneo Eliezer Amaral, convidando-me para prefaciá-lo o seu mais recente trabalho literário. Surpresa pelo convite e também por descobrir que o mesmo estava caminhando por estas veredas literárias da poesia.

Fiquei entre o dilema: se aceitaria tamanho engenho e desafio, ou se o recusaria, não por menosprezo ou descaso, mas por achar a missão maior que o missionário. Logo ao me deparar com o título do respectivo livro “ENCONTREI MINHA ALMA NA POESIA”, já fui arrebatado pela obra.

O título, em si, já é digno de uma obra. Enfim, na balança das medidas dos valores: a amizade, o respeito e a consideração pesaram substancialmente para que eu me aventurasse a atravessar este mar que se apresentava a minha frente.

Como dizer um não a um amigo conterrâneo de tão longínquas datas? Nestas estradas da vida, os meus caminhos sempre se cruzaram com os de Eliezer. Desde a nossa origem caririzeira, as mesmas escolas, como alunos, também como professores, como atletas do voleibol, como sócios da Associação Recreativa Integração - ARI, como concurseiros, como bancários, entre outros.

Se por acaso, ainda, faltasse um caminho a ser cruzado entre nós dois, este chega agora, através do universo da poesia. Ao navegar, logo nas primeiras páginas, encontrei-me e encantei-me, pois fui arrebatado pelas reminiscências

profundas do oceano das memórias de infância do poeta, através dos seus espaços temporais, trazidos, à tona, por meio da verve inspirada deste poeta caririzeiro.

O livro foi elaborado em três capítulos, o primeiro expõe sonetos, o segundo, poemas líricos e o capítulo final traz lembranças marcadas pelas saudades do poeta. Os três capítulos são gavetas do passado, que guardam lembranças oxidadas e, há tanto tempo, não revisitadas. Ao abri-las, o poeta liberta suas memórias e provoca também os leitores a fazerem este exercício regressivo a um passado tão comum ao universo do imaginário coletivo dos caririzeiros e sertanejos.

Logo no primeiro capítulo, o poeta me encanta com o canto na poesia: “Quintal do Chicão”, que me fez tibungar e dar cangapés nos barreiros, nas cacimbas, nos córregos, nos riachos tortuosos do nosso Cariri.

Também, como não pisar nas brancas areias e molhar a memória nas águas da poesia do “Riacho Maracajá”? E nesta viagem, pelas estradas dos sonetos, o poeta vai nos conduzindo para uma geografia sentimental da nossa infância caririzeira.

Em todos os capítulos, o leitor vai encontrar reflexões sobre temas profundos como: a morte, a vida, o amor, a família, a fé, tão caros ao poeta e, sobretudo, ao mar revolto das saudades.

“ENCONTREI MINHA ALMA NA POESIA” é uma radiografia pormenorizada do universo caririzeiro, descrito com detalhes, pois nada escapa aos olhos sensíveis e atentos do poeta.

A fauna, a flora, o cotidiano, os costumes, os cardápios, as

pessoas e todos os elementos constitutivos desse universo caririzeiro são relatados com maestria e muita nostalgia.

O poeta nos convida a fazer parte desta viagem pelas estradas carrasquentas do Cariri, pelas quais caminhamos na nossa infância, sentindo os aromas dos mofumbos, da terra molhada e dos cantos da passarada.

No segundo capítulo, o poeta continua nos encantando com seus poemas líricos. No saudoso poema: “Viver tudo novamente”, o leitor vai ser levado a se encantar com a expectativa da criança ansiosa, esperando o amanhecer para destravancar a janela e vislumbrar seu terreiro permeado pelos aromas, imagens e magias infantis. Ainda neste capítulo, o poeta vai descrevendo as paixões, as ilusões amorosas, os encontros, os desencontros e todo seu lirismo.

No último capítulo desta viagem, “LEMBRANÇAS QUE DEIXAM SAUDADES”, o poeta inicia abrindo as portas de sua cidade natal, através da poesia: “Terra que nos deu à luz”. Nesta, além das referências às configurações arquitetônicas dos sobrados, casarios e casarões, confessa, também, todo seu amor, admiração, afeto e encanto pela “cidadezinha” que lhe deu à luz, isto é, São João do Cariri.

Neste capítulo, o poeta aprofunda ainda mais seu apego, afeto, admiração, respeito, carinho e amor por sua família. Zé Salviano, seu pai, sua mãe Elisa, todos os seus irmãos e irmãs, assim como os seus filhos são mencionados com muito zelo.

Enfim, este livro, “ENCONTREI MINHA ALMA NA POESIA” é um bilhete de passagem, que leva o leitor a uma viagem regressiva ao túnel do tempo, de um passado rural

que restou nas lembranças, nas memórias nostálgicas e saudosas deste sensível poeta.

Segurem nas mãos do poeta e deixe-o conduzi-los por estes espaços temporais do universo da saudade. Tenho plena convicção de que os leitores, assim como eu, vão se reencontrar nesta viagem de volta ao passado da nossa infância caririzeira.

Que esta mente brilhante e inquieta nunca pare de se inquietar, e que nos inquiete cada vez mais com suas inquietações.

Seja bem-vindo a esta obra de estreia, neste universo da poesia.

Francisco de Paula Almeida

Poeta – Artista Visual.



CAPÍTULO 1
SONETOS

ILUSÃO DA VIDA

Quimeras que nos fazem delirar,
Fantasias, sonho, imaginação:
Ilusão de um ingênuo coração,
Na esperança de se realizar.

A vida passa sem ninguém lograr,
Ser ou não ser são sonhos que se vão,
É ânsia incontida do coração,
Sonhos que vão sem se realizar.

O encanto da fantasia seduz,
A rudez da realidade infama.
Viver a realidade ou os encantos?

Viverei o fascínio que me seduz,
Suavizando agruras com quem me ama.
Factual ou ilusão... a vida são encantos.

CRIANÇA

Quão formidável é uma criança!
A pureza da infância, sem maldade.
Coisa sacra, bênção da divindade,
Semente abençoada da esperança.

No Céu, só vai se for como criança,
Com um coração puro e sem maldade,
Nos ensinou Jesus essa verdade,
No tocante à divina esperança.

Criança é ternura, amor sincero,
Sorriso, riso, a alegria do lar.
Os seus abraços revelam esmero.

Criança é ver o amor saltitar,
Pular para cá, para lá, de vero,
Sem fingimento, sem nos enganar.

JESUS RAIOU NA MINHA VIDA

Jesus, luz que raiou na minha vida,
Uma ovelha perdida e desgarrada,
Com a alma sedenta e mui cansada,
A procura de uma fonte e uma guarida.

Seu amor e sua graça concedida
A esse pobre de vida atribulada,
Deixou minha alma aflita saciada,
O espírito calmo e cheio de vida.

Jesus fez meu cálice trasbordar!
Esquecendo as agruras do passado,
Feliz, hoje vivo alegre a cantar.

O amor no meu coração derramado,
Tornou-o em uma fonte a borbulhar,
Lugar santo ao Senhor consagrado.

PERFEITO AMOR

Onde está o belo e perfeito amor?
Morrerei eu cobiçoso, em vão a buscar?
Viverei eu ansioso, sem o encontrar?
Alguém encontrou o quimérico amor?

De mim se escondeu o fascinante amor,
Disfarçou-se, não há como perscrutar
Seu rumo, onde foi se refugiar?
Algures, escondido e encantador.

Não há amor impecável e perfeito,
Amar pesa do amor a imperfeição,
Amar com falhas é mais que perfeito.

É saciedade de um coração
Que, qual uma criancinha de peito,
Chora à mãe pela amamentação.

QUINTAL DO CHICÃO

Como é belo o quintal do amigo Chicão!
O pôr do sol lá da ponte velha observado,
As lagoas na mata embelezando o chão,
Com sapos e rãs cantando seu coaxado.

Fontes, córregos, riachos e cacimbão,
Hidrografia do meu sertão esbraseado,
Chuvas que caem, molham a terra e se vão,
Fazendo brotar vida do chão estorricado.

O chilrear das aves a nos encantar,
O beijo do concriz na flor do mulungu,
O sabor do umbu que agrada ao paladar.

O voo manso e suave do juriti,
O periquito a galhar no mandacaru,
Como é belo São João do Cariri.

ACRÓSTICO FERNANDO AMARAL

Fizeste uma caminhada ligeira,
E, como um meteoro no céu a brilhar,
Refulgiste para vidas iluminar,
Na fugacidade de uma vida passageira.

Amanheceste como um lírio na floreira,
Nossa casa vieste ornamentar.
De manhã, vieste desabrochar,
O ocaso, porém, chegou na carreira.

A saudade de te restou como cheiro,
Medrando o desejo de um dia te ver,
Ao amanhecer de um dia alvissareiro.

Reminiscências nos fazem transcender
Ao paraíso glorioso e verdadeiro,
Lugar onde aguardas o eterno amanhecer.

MORTE TRAIÇOEIRA

Como ela é imprevisível e traiçoeira!
Sorrateira, espreita sem se desesperar,
O homem segue ao seu encontro sem atinar
Que desde cedo ela lhe espreita na trincheira.

A ninguém recusa ser sua companheira,
Não faz acepção de pessoa ao enlaçar,
De seu abraçar ninguém consegue se livrar,
Sua cama jaz na escuridão e na nojeira.

És de toda existência o fado malfadado,
O amargor do amargo, da bÍlis imanente,
A inclemência do incompaciente desalmado.

Quisera eu me divorciar cautelarmente
De ti, sem, de modo algum, ter te desposado,
E, sem me abraçares, viver eternamente.

A NATUREZA

Parei encantado diante de um esplendor,
Um frondoso mulungu belo e floreado,
Em uma galha, estava um concriz dedicado,
Extraindo, com cuidado, o néctar de uma flor.

Que exuberante beleza e singelo amor!
O vermelho e preto ao verde contrastado,
Quadro belo pela mão divina pintado,
Um menino admirado da obra do Senhor.

A natureza é bela expressão divina,
Que nos revela o requinte da criação,
Uma elegância que nossos olhos fascina.

À noite, os astros no céu iluminam o chão,
Na alvorada, o sol majestoso descortina,
Fãs da lua aplaudem a sua exibição.

O ENIGMA DE SANSÃO

Do poderoso procedeu doçura afável,
Comida saiu do predador comilão.
Aos convivas das núpcias, propôs Sansão
Essa ardilosa adivinhação inescrutável.

Nada é mais doce do que o mel desejável
E ninguém é mais forte do que o rei leão.
Essa foi a resposta ao enigma de Sansão,
Segredo externado pela esposa intratável.

A indiscrição da companheira quebrou o trato,
Causando em Sansão mui indignação e levante:
Mortandade, destruições e espalhafato.

A inconfidência é qual flecha flamejante,
Que o alvo despedaça e incendeia imediato,
Deixando rastro de labareda estuante.

VIDA QUAL PIÃO

Vi um pião rodando rápido sem parar,
Um menino a enrolar o cordão no pião,
Soltando-o da mão desenrolava o cordão,
E o pião dançava e rodava sem cessar.

Na vida, muitas voltas temos que dar,
Às vezes, rodamos na vida qual pião,
Até encontrar uma carinhosa mão,
Para nos pegar do chão e na mão sossegar.

Ao nascer, corta-se o cordão umbilical,
Como uma evolução da vida incipiente,
Pra nova vida no regaço maternal.

Como voltar à vida é imanente,
Eu girarei pra lá e pra cá, e, afinal,
Encontrarei um amor que seja permanente.

MAGRICELA AVOADA

Uma magricela avoada me beijou,
Não foi por sublime sentimento de amor,
Mas uma investida sórdida de terror,
Que ferindo o corpo, minha alma quebrantou.

Meu coração nauseou-se, jamais te amou,
Voa pra longe de mim, voa por favor,
Levando teus virulentos beijos de dor,
Para um mosquito louco que te enamorou.

Aedes aegypti é mulher repugnante,
Seus beijos anestésiantes, detestei,
Vai, mulher virulenta, em busca de outro amante,

Em um lugar bem distante, na tua grei.
Para sempre lembrarei da dor repugnante,
Que de teu beijo anestésiante ceifei.

LAZARINA

Lazarina espingarda mui venenosa,
Um calibre fino, mas que o alvo despedaça.
Cão, gatilho, cano fino, arma que estilhaça,
Do sertanejo, sua arma mais temerosa.

A lazarina de meu pai era fabulosa,
Bastava resvalar um chumbinho na caça,
Que ela caía estatelada, sem esvoaça.
Como a lazarina velha era esplendorosa!

A notável magrela era uma salvaguarda,
Fazia as suas proezas e era certa,
Nunca haverá outra como aquela espingarda,

Magrela sovaqueira, um tiro e uma carreira,
Era como chamavam a velha espingarda,
De caça, minha velha e boa companheira.

PÉ DE UMBU CAJÁ

Nosso saudoso pé de umbu cajá,
Seus frutos agridoces saborosos,
Sua sombra sob seus galhos frondosos,
Lugar de descanso do sabiá.

Ali, pulando pra lá e pra cá,
Ouvindo gorjeios harmoniosos,
Comendo dos frutos deliciosos,
Que saudade do pé de umbu cajá.

Só resta nostalgia no lembrar,
Eu me fui e o que foi o tempo não traz,
Eu não volto e o tempo não quer voltar.

Mas que fazer se a vida é fugaz?
Dias vividos não podem tornar,
E nos espera o epitáfio: aqui jaz.

JOSÉ PEDRO

Teu olhar terno nos revela pureza,
Amor belo que jamais vai acabar.
Meiguice pura em ti se vê brotar,
Para aspergir amor com singeleza.

José Pedro Amaral é realeza,
Graça divina a nos abençoar.
Luz para sua mamãe iluminar,
Exemplo de ternura e gentileza.

És lírio a perfumar o jardim da vida,
És a beleza fausta de uma flor.
És do amor a essência pura vertida,

Que cai nas nossas vidas com frescor,
És a pedra preciosa polida,
Que encanta nossa vida com fulgor.

AMOR QUE SE ESPERA

Amor que muito se espera
É saudade do imaginário,
O coração sofre e se dilacera,
Com o amor represado no sacrário.

A paixão ruge como uma fera,
O amor se desespera enrolado num sudário,
Mas o desprezo é mulher megera,
Sem dó, não tem pressa no fadário.

O sofrer de quem espera o amor
Aumenta a rude dor da solidão.
O coração é o nosso santo andor,

Para nele pôr uma verdadeira paixão,
Sem pôr no chão, prossigamos com o andor,
Carregando a mulher do nosso coração.

MEU AMOR

Passeava em meio às flores pelo jardim,
Quando um botão de rosa se desabrochava,
Seu balsâmico odor minha alma inebriava,
Era qual fragrância das flores de jasmim.

O encanto de suas pétalas tom carmim,
Entre todas as flores e ervas, deslumbrava,
Seu perfume como névoa contagiava,
Deixando deleitável aquele jardim.

Deambulando, enfim encontrei minha flor,
Entre flores de um jardim, a mais bela rosa,
Era a mais venturosa e ostentava frescor,

Exalava pra mim sua seiva cheirosa,
Seu perfume atraente continha dulçor,
Fazia nossa paixão eterna e glamourosa.

FLOR DO DESERTO

Flor do deserto que floreia a imensidão,
Na areia, ficas solitária a balançar,
Na esperança de vês um transeunte passar,
Desejando um singelo acenar com a mão.

És sinal para os perdidos na solidão,
Ansiosos por um caminho encontrar,
Pois tua beleza a esperança faz renovar,
Na caminhada em busca de uma paixão.

Solitária, no ermo, esperas o viajante,
Solitário, perdido em caminho intrincado,
Vagueando em busca de uma formosa amante,

Idealizada em um coração encantado,
Uma rosa bela, utópica e deslumbrante,
Uma quimera do coração de seu amado.

REDEZINHA

Redezinha que range no meu balançar,
Subindo para lá, descendo para cá.
Pensamentos que vagam pra aqui, pra acolá,
Pelas frestas espiando a luz do luar.

A madrugada chegou e eu sozinho a pensar,
Meu amorzinho se foi de lá mais para lá,
Quisera que um balanço a trouxesse pra cá,
Esperando, meus olhos não querem pregar.

O sono não chega e a lua bela se vai,
E eu sozinho a balançar, pra frente e pra trás.
Bocejando de sono, uma lágrima cai,

É saudade de um amor que ficou pra trás,
Me deixou só no balanço que vem e vai,
No acalanto que minha rede velha faz.

ROSA NEGRA

Rosa negra de pétalas aveludadas,
Com seu sorriso meigo e cativante,
Mãos de carícia apaixonante,
Calor que incendeia nas madrugadas.

Belo corpo de silhuetas delicadas,
Olhar terno e fascinante,
Rosa negra de perfume excitante,
A mais viçosa das flores desejadas.

Lábios de néctar adocicado,
Adoçando a amarga solidão
De um coração apaixonado.

Como água que sacia a sequeidão,
Saciaste meu coração desamado,
Enchendo de amor meu coração.

VELHO DESPREZADO

Pobre velho desprezado,
Caminhando solitário vai,
Pelos degraus da igreja do Pai,
Em busca de um tesouro sagrado.

Solitário, mas acompanhado
Pela proteção de Adonai.
Passo a passo, prosseguindo vai,
Com o coração devotado.

Sua prece apresenta no altar,
Agradecendo pela graça recebida,
Ao Pai, rogando para o acompanhar,

Na sua solitária caminhada
De regresso ao seu amado lar,
Ao aconchego da sua família amada.

RIACHO MARACAJÁ

Riacho Maracajá,
Água doce cristalina,
Que goteja da ravina,
Da cacimba verterá.

Das areias brotará,
Saciará a menina,
E também a moça fina,
Que da água beberá.

Lá vem a bela buscar
Água doce na cacimba,
Com a lata a desfilar.

Se demora por pinimba,
Agachada ao apanhar
Sua água da cacimba.

MINHA ALMA NA POESIA

Encontrei minha alma na poesia,
Quando tudo já se via findando.
Reacendeu o pavio fumegando,
E reviveu a esperança em agonia.

Cada verso que minha mão escrevia,
A alma irrequieta ia sossegando,
O coração açodado ia acalmando,
E a alvorada no horizonte surgia.

A arte da poesia flamejava
Dentro do meu emotivo coração,
Como uma paixão que se extravasava,

Pingando na folha a composição,
Poesia que a minha alma afagava
Como que me mimasse com a mão.

DEUS DE PROVIDÊNCIA

Nosso Deus é um Deus de providência,
Que seu plano faz se realizar.
Se planejou, ninguém pode frustrar,
Ele conduz os fatos com ciência.

Sabe o amanhã por sua onisciência,
A semente que planta faz brotar,
O que abençoa não há como pragar,
Suas palavras trazem florescência.

Por sua onipotência tudo faz,
Chamou à existência a criação.
Põe fim às guerras e proclama a paz,

Levanta o homem abatido do chão,
Pega na mão e vida nova lhe faz,
Transforma em alento a desolação.

VAGUEAR NA CHUVA

Quem sai na chuva é pra se molhar,
Risco haverá no abraçar de uma rosa,
Mesmo sendo moça bela e cheirosa,
Seu encanto pode decepcionar.

Mas que fazer se viver é amar
E espinho é peculiar à rosa?
Vaguearei na chuva com a rosa,
Amando sem medo de me molhar.

Quem arrisca menospreza a desgraça,
Vai em busca de uma farsa e chama amor,
Descomedindo a dor que despedaça.

Passando a chuva, refresca o calor,
O amor vem e com fogo esquentando e enlaça,
Deixa no coração marcas de amor.

MEU BEM-TE-VI

Bem-te-vi, cedinho te vi cantar,
Para anunciar-me um novo dia,
Manhã fria, e minha amada eu não via,
Na cama, ao meu lado, a me aquestrar.

Teu chilrear bisado a me lembrar
Que de desamor agora eu sofria.
Ela se foi, bem-te-vi, eu respondia,
Voltará um dia pra me aquestrar?

Bem-te-vi chilreava: bem-te-vi,
E eu a pensar: vi minha amada partir,
Pudera eu também cantar: bem-te-vi.

Bom fosse entoar: amor pode vir,
Volta para mim, meu bem, bem-te-vi,
Saudade! Queria teu amor sentir.

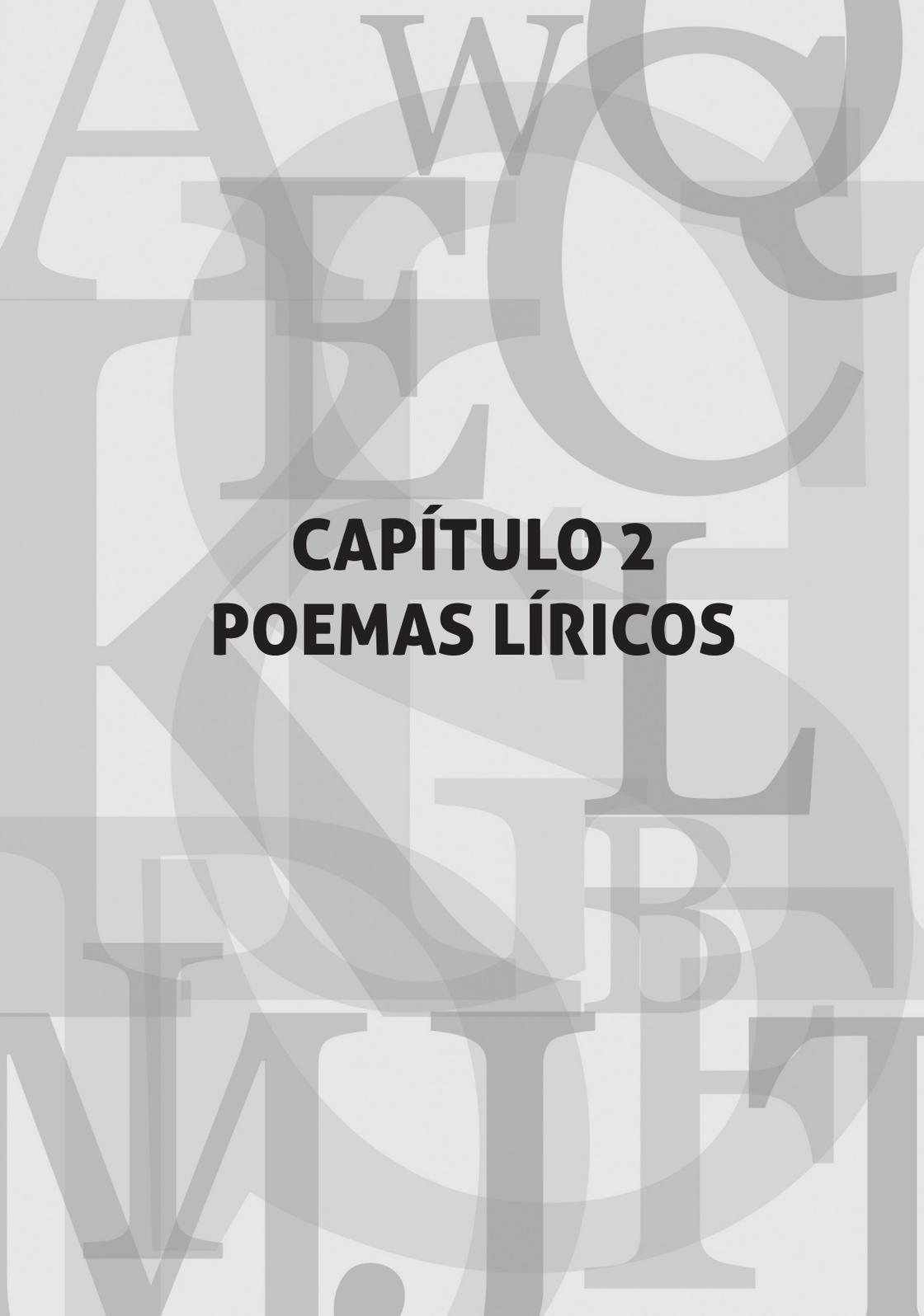
MINHA FORMOSA AMADA

Aí vem a minha formosa amada,
Desfilando entre as flores do jardim,
Sorrindo em sua andança delicada,
Exalando perfume qual jasmim.

Quão charmosa e bela é minha fada!
Queria que toda flor fosse assim:
Afável, prazenteira e imaculada,
Pétalas qual sua pele, cetim.

Amo demais minha aprazível flor,
Deleite de meu terno coração,
Rosa que desabrochando, no alvor,

Perdura viçosa e dá sensação
De aprazimento, paz, perfume e amor,
Odor que inebria meu coração.

The background of the page is a light gray color with large, semi-transparent, overlapping letters in a serif font. The letters include 'A', 'W', 'Q', 'E', 'B', 'V', and 'H', which are scattered across the page, creating a textured, typographic effect.

CAPÍTULO 2

POEMAS LÍRICOS

CAVALGANDO EM BUSCA DE UMA PAIXÃO

Em noite de luar,
O céu prateado a brilhar,
Lá vou eu solitário a cavalgar, seguindo estrada afora.

A lua espraia-se por sobre a flora, em resplandecência
prateada,
No clarão da estrada, sigo em meu alazão a galopar,
Ansiando por chegar na casa da minha amada.

Ali passarei a madrugada,
Trocarei o solilóquio da estrada,
A toada, pelo colóquio amoroso com ela.

É coisa mais bela amar e ser amado.
Nem o luar prateado, que o sertão embeleza,
Se compara à lindeza de minha doce amada.

Sua voz suave e delicada entenece meu coração,
Dedilho, no violão, algumas modas decoradas,
À sua voz acompanhada, angeliza a canção.

Pego na sua mão, macia como o veludo,
Beijo sua boca de lábios carnudos,
E um belo sorriso desnudo recebo de gratidão.

Ela é o meu amor, minha paixão, minha doce amada,
A lua minha companheira de cavalgada,
Nas frias madrugadas, indo e vindo em busca de uma
paixão.

APAIXONADO JOVEM SERESTEIRO

Lua que encanta, no céu a iluminar,
Seresteiro a encantar a moça bela,
Na janela, o luar a contemplar.

Os menestréis tocam canção singela,
A moça cortejada ri encantada,
O luar a paisagem aquarela.

A menina donzela, bela e amada,
Seu coração palpitando emoção,
Numa romântica noite ilustrada,

A lua cheia prateia o sertão.
A moça meiga realça a beleza,
De amor efervesce o meu coração,

Coração que se entrega a boniteza,
Da lua e da donzela sensual,
Amor que vai brotando com pureza,

Numa noite de lua especial,
Apaixonado jovem trovador
Vai cantando o amor, em noite real,
E celebrando a conquista do amor.

GOTA DE ORVALHO

Gota de orvalho a se formar
Numa folha de bananeira.
Sua exibição ligeira reluz à alvorada,
Brilha deslizando na passarela esverdeada,
Despencando para o chão molhar.

Seu estilhaçar respinga o chão,
Gotículas molham a plantação do jardim,
Regam o capim, a rosa e o manjeriço,
Dando à vida a sua contribuição,
Fazendo o verde da terra brotar.

Como é belo o trabalhar da natureza!
Orvalho, gotas d'água, sol, frieza,
Com singeleza, a vida faz brotar.
E assim a vida vai continuar:
Gota d'água a condensar, a cair no meu jardim.

A BELEZA DE UMA NOITE DE LUAR

Lua bela exuberante
Que no céu desponta a desfilar.
Ah! Eu sou teu fiel amante,
Encantado com o teu encanto fascinante,
Ante deslumbro, passo noites a te contemplar.

Como é lindo o teu alardear cintilante,
Prateando o meu sertão, avante a marchar.
Ao aquarelar a escuridão com cores rutilantes,
Reluzes matizes sobre prados e montes.
Inebriado com a tua beleza, quisera te beijar.

No céu, a perlustrar reinante,
De lá me observando, e eu, de cá, a te admirar.
Como é belo o teu alumiar contrastante,
No negrume do céu, apareces radiante,
Governando os amantes e as ondas do mar.

No horizonte, teu declinar triunfante,
Com fulgor minguante, saudades vem anunciar,
Mais um dia a esperar outro luar radiante,
Para encantar os corações dos amantes,
Com a deslumbrante beleza de uma noite de luar.

VIVER TUDO NOVAMENTE

Era bem cedinho e eu aguardava
O despertar da alva raiando pelas frestas.
Ouvir os pássaros em festa e o chilrear,
Como se estivessem a me chamar,
Para a taramela girar e abrir a janela.

A cena era romântica e bela,
Pela janela eu olhava no horizonte,
O arrebol despontava por trás do monte,
O sereno batia na frente e me molhava,
Inebriava-me com o cheiro das flores silvestres.

Aquele ambiente campestre me encantava,
Minha alma sossegava nas ondas do vento.
Abria a porta e ao relento me sentava,
Dos batentes, contemplava o dia amanhecendo,
Era a mão divina regendo a sua criação.

A nostalgia bate forte no coração,
Como se ouvisse uma canção,
Trazendo à recordação esses fragmentos.
Querida, por um momento, voltar ao passado,
E, enlevado, viver tudo novamente.

AMOR E ESPINHOS

Há vida mesmo depois da morte.
Viver com ou sem sorte,
Acompanhado ou sozinho,
Na caminhada da vida, tem espinhos,
Por mais belas que sejam as rosas.

A mulher por mais que seja formosa,
Como uma rosa, no coração tem espinhos,
Se dela recebemos carinho,
A dor do espinho é inevitável,
Mas amar faz afável a dor dos espinhos.

Melhor do que viver sozinho,
É viver em meios a espinhos,
Abraçado com uma rosa.
Mesmo que seja dolorosa,
Amar faz a vida formidável.

Prefiro esse amor inefável,
Insofismável, que faz a vida diferente,
De dor e amor coexistentes,
No coração, presentes agulhoadas e carinho,
Melhor que viver sozinho é ter o amor da gente.

EU E A MINHA SOLIDÃO

Amigos onde estão?
Uns se foram,
Outros se vão,
Encantos, desencantos,
Ilusão, desilusão,
Sozinho num recôndito encontrei a solidão.

Dissimulação, discrição,
Dos que se foram,
Dos que se vão,
Eu fiquei sozinho,
Caminhando, em solitário caminho,
Encontrei a solidão.

Amor, paixão,
Fingimento, dissimulação,
Amores que se foram,
Amores que se vão,
No coração, amor não encontrei,
Fiz dele morada da solidão.

Solidão, solidão...
Desencanto, inspiração?
Desesperação, consolação?
Tantos se foram,
Tantos se vão,
Só nós ficamos: eu e a minha solidão.

UM AMOR QUE SE FOI

Ondas que no mar se vão
Derrubaram no chão o meu castelo imaginário.
Apagaram o cenário de um romance apaixonado,
Espumando com brados da areia arrastaram,
Destroçaram e sem dó levaram
A esperança de um coração sofredor.

Levaram da imaginação o meu amor,
Esculpido na areia com labor hilário,
Deixando-me o fadário da desolação.
Dilaceraram assim o meu coração,
Machucando sem compaixão a minha alma,
Conspurcando a palma de uma bela paixão.

Marulhos de ondas que vêm e que vão,
Perturbam um coração desesperançado,
Esperando um amor carregado
Pelas ondas de um mar agitado e ruidoso.
Desesperançado, porém esperançoso
De um dia meu amor nas ondas voltar.

FELICIDADE

Perscrutei da felicidade a sua razão.
Mas felicidade não tem explicação,
É estado de graça que por Deus é dado.
É sentir-se plenamente realizado,
O espírito aquietado de plena satisfação.

É viver um amor, uma paixão.
É sentir o coração apaixonado,
E, à vontade, amar e ser amado,
obedecendo às leis do coração.

Felicidade é de Deus uma bênção,
Ao felizardo por Ele agraciado.
Não é comprada no mercado,
Nem depende de riqueza ou posição.

É o sonho de todo coração,
Ricos na vida muito se esforçaram,
Mas morreram e não encontraram
Nem felicidade, nem paz, nem satisfação.

Enquanto um pobre sem nenhum tostão,
Vivendo ao lado da sua amada,
Desdenhando da sorte malfadada,
A felicidade transborda do seu coração.

Há rico que de tanta inquietação
Passa em claro as madrugadas,
Vive com a alma amargurada,
Sua vida é uma tribulação.

Sua fortuna não lhe deu satisfação,
Nem lhe proporcionou felicidade.
Seus dias passaram na fugacidade,
Sem felicidade, era pobre de coração.

Compreendi: felicidade traz satisfação,
E não depende de riqueza ou posição,
Nem por dinheiro é comprada,
É coisa por Deus engendrada,
De graça derramada no recôndito do coração.

DESEJO PELO AMANHECER DE UM NOVO DIA

Ocaso avermelhado deslumbrante,
Em teu resplendor afogueado brilhante,
Noite de trevas vens anunciar.

Ó alvorada vem, vem logo, vem me iluminar!
Estou noite a vaguear
Em meus pensamentos entediantes.

Da alva sou amante,
O sol estou a esperar,
Ó manhã vem logo, vem já.

Não aguento na escuridão ficar,
Entenebrece-se os meus pensamentos,
Com só o sentir bater do vento,
Sem nada enxergar.

Queria ver raiar
A luz que nos clareia.
Vê os pássaros,
Vê a areia,
Vê as ondas do lindo mar.

Vou aguardar,
Ó noite entediante,
Que logo vais adiante,
Para que em um novo encontro,
Na alvorada eu possa
Um raio de sol abraçar.

BEIJA-FLOR

Como é belo ver um beija-flor,
Pairando sobre as flores da natureza,
Extraindo, com destreza,
Seu alimento da beleza de uma flor.

No vento, voa contra ou a favor,
Voa pra frente e voa pra trás.
Nas urtigas, seu ninho faz,
Sem, jamais, temer os pelos ardentes.
Suas plumas iridescentes,
Refletem espectro azul esverdeado.

Com seu bico fino e alongado,
O néctar das flores retira com amor.
É como se desse um beijo em cada flor,
Sem nenhuma delas magoar.
Quisera assim saber amar,
Como um pequeno beija-flor.

Beijar sem causar dor,
Nem ferir a rosa amada,
Amar e ser amado,
Inalando e exalando o perfume de uma flor.

Voar como um beija-flor,
Na imensidão da natureza.
Cumprimentando com nobreza cada flor,
Desfrutando do amor e da beleza,
Com delicadeza, amor e amizade.

Viver em um mundo sem maldade,
De humanidade, flores e beija-flor,
Onde os humanos, sem vaidade,
Se beijassem como flor e beija-flor,
E assim polinizassem com beldade,
As flores com o pólen do amor.

A TERRA DOS MEUS ENCANTOS

Névoa da manhã que o meu corpo vem molhar,
Pássaro a cantar em celebração ao raiar do dia,
De manhãzinha, um cheiro inebriante eu sentia,
Que das flores silvestres exalava,
Caminhando, esperava o arrebol de um lindo dia,
No horizonte, o rei surgia,
Ostentando seus raios com majestade.
Da caatinga tenho saudade, da lindeza do meu sertão.

Não conheço outro torrão que me faça apaixonar,
Como meu pequenino lugar, minha querida São João.
Do Cariri é minha paixão,
Lugar de eternas saudades,
No calor extenuante da tarde, o vapor sobe do chão,
À noite, o vento sopra no oitão,
Onde o agricultor numa rede descansa à vontade,
Da caatinga tenho saudade, da lindeza do meu sertão.

Nas primeiras chuvas, ouve-se o ribombar do trovão,
A água corre no chão, o céu pelo relâmpago é iluminado,
O riacho transborda lado a lado, alagando a plantação,
As crianças, com alegria no coração,
Festejam tomando banho da água que corre do beiral,
A mulher, debruçada na janela do curral,
Contempla a providência divina com felicidade,
Da caatinga tenho saudade, da lindeza do meu sertão.

Minha terra é como terra do coração,
Que só precisa vez em quando ser regada,
Com ternura, ser cuidada para frutificação.
A do coração pelo amor é molhada,
A do meu sertão pela chuva do céu derramada.
Terra seca ou molhada,
Terra abençoada é a que nos traz felicidade,
Da caatinga tenho saudade, da lindeza do meu sertão.

Sei que um dia meu corpo repousará debaixo do chão.
Assim como aconteceu na minha concepção,
Na minha morte aqui eu quero ficar,
Peço para me sepultar na terra do meu coração,
No solo do minha querida São João,
Onde meu corpo Jesus aguardará,
Para então no céu morar, com os Santos na eternidade,
Da caatinga tenho saudade, da lindeza do meu sertão.

LUAR ALCOVITEIRO

Naquele alto descampado,
O céu estrelado a nos olhar,
Ali era o lugar de um romance apaixonado.
Lá ficávamos lado a lado,
Deitado no chão, as constelações a contemplar,
O vento brando a sussurrar,
Enquanto, na copa do pereiro, a coruja piava,
Cantando a noite passávamos, o amor a celebrar,
Quisera te amar em noite de luar, no descampado do
terreiro,
Onde o luar alcoviteiro faz a silhueta do teu corpo cintilar.

Era belo te olhar, na claridade branda da lua,
O dourado que refletia na tua pele morena nua,
Era a cena mais bela do luar,
Realçava as silhuetas do teu corpo ao andar,
Em meio à natureza exuberante,
Era extasiante, arrebatava minha alma num instante,
Num paraíso de amor deslumbrante,
Eu começava a viajar,
Quisera te amar em noite de luar, no descampado do
terreiro,
Onde o luar alcoviteiro faz a silhueta do teu corpo cintilar.

Somente as estrelas no céu e a lua que nos espiava,
Ouviam os sussurros que falávamos,
Em declarações apaixonadas de amor.
Eram testemunhas desse fervor, que nos esbraseava,
Em meus braços, tu estavas, em teu corpo, eu me envolvia,
No horizonte, a lua se despedia e a alva despontava,
O nosso amor mais e mais aumentava,
Em nossos corações a borbulhar,
Quisera te amar em noite de luar, no descampado do
terreiro,
Onde o luar alcoviteiro faz a silhueta do teu corpo cintilar.

Na revolução da lua, queria com meu amor viajar,
Em eternas noites de luar,
Para ao mundo anunciar o encanto do amor.
Lua, nos leva por favor, para uma odisséia sideral,
Em um anfiteatro abissal com minha amada encenar,
À luz do teu luar, nosso amor extravasaria,
Gotejando sobre a terra espalharia
Nosso jeito puro de amar,
Quisera te amar em noite de luar, no descampado do
terreiro,
Onde o luar alcoviteiro faz a silhueta do teu corpo cintilar.

O ENCONTRO COM O AMOR

Perdido eu me encontrava,
De onde vim não restava lembrança.
Já não tinha esperança,
O medo e a solidão me invadiam,
Quando então raiou a luz do dia,
Em forma de esperança.

Ao longe, vi a nuance de alguém que passeava,
Como uma imagem que aos poucos se formava,
Eu ia, enquanto ela voltava.
No indo e vindo, deu-se o encontro,
De repente, o amor tomava conta,
Os corações se esbraseavam,
Nos meus braços, ela reclinava,
No seu corpo, eu me envolvia.

Encontrado eu me sentia,
Contemplando os seus olhos de esmeralda.
Ela coroadada com grinalda,
Recoberta de topázio amarelo radiante,
Eram belos cabelos fascinantes,
Que meus olhos encantavam.

Suas mãos me acariciavam,
O seu olhar me seduzia,
Logo, me sentia numa vida de encanto.
Da solidão e desencanto, ao amor que encantava,
Em sua vida, eu estava, da minha ela era parte dela,
O nosso amor era uma flor bela que desabrochava,
Seu sorriso irradiava meiguice e paixão,
Enchendo de amor um coração apaixonado.

MINHA PÁTRIA É O MEU LUGAR

Andarilho eu vivia, em busca nem sei de que,
Na vida, não tinha prazer, o tédio me tomava de conta,
Minha cabeça já estava tonta de idas e vindas a procurar,
Sem saber o que queria encontrar,
Nem o lugar para onde iria,
Minha esperança jazia e a vida não fazia mais sentido,
Procurava o que não havia perdido,
Viajava aturdido, desvairado na vida a caminhar.

Minha vida a vagar, viajando sem destino,
Essa era a minha sina, andando de lugar em lugar,
Sem ter onde morar, a noite era minha companheira,
Deitado numa esteira, na praça a noite fria a passar,
Andarilho a olhar pessoas que não conhecia,
A mão que estendia, vazia voltava pro mesmo lugar,
Ousar não ousava pensar, em coisas que conhecia,
Que no passado faziam, mas que poderiam me resgatar.

Um dia a viajar, numa estrada perdida,
Que caminhando voltava na estrada da vida,
Lembrança vívida, no horizonte pude contemplar,
De ressalto, fez-me lembrar
Que um dia pude morar,
Num lar aquecido e aconchegante,
Jamais irei a terra distante,
Pois a minha pátria é o meu lugar.

LUA COMPANHEIRA

Saudade me faz lembrar de quem tanto amei,
Se amado não sei, seu coração fingia me amar.
Seu olhar de ternura meu coração enchia,
Ocultava, eu não via o que estava a imaginar.
Sem nada falar, partiu para outro recanto,
De saudade, eu choro e canto,
Minha amada não quer mais voltar.
Ó lua companheira, vem minha alma consolar.

Ó minha amada, estou a te aguardar,
Fico a imaginar na tua beleza encantadora,
Até ouço a tua voz sedutora em minha alma,
Madrugada afora, a lua acalma meu pranto.
Por um amor que se foi me quebranto,
De saudade, eu choro e canto,
Minha amada não quer mais voltar.
Ó lua companheira, vem minha alma consolar.

Em teus olhos, fico a imaginar,
Pérolas negras a adornarem o teu semblante,
Resplandecendo fascínio em meu olhar.
Quisera abraçar e envolver teu corpo inteiro,
Sentir o teu cheiro, que me encantava tanto,
De saudade, eu choro e canto,
Minha amada não quer mais voltar.
Ó lua companheira, vem minha alma consolar.

Madrugada a avançar, e somente a lua faceira,
Da noite, minha companheira, continua a brilhar,
Queria dedilhar uma canção encantadora,
Que voasse em ondas sedutoras
E trouxesse de minha amada um acalanto,
De saudade, eu choro e canto,
Minha amada não quer mais voltar.
Ó lua companheira, vem minha alma consolar.

PRIMEIRO BEIJO

Quando te vi pela primeira vez, meu coração palpitava,
Pela porta do casarão eu entrava, e logo te avistei,
Pasma parei, estava por demais encantado,
Tu com um vestido florado,
Estendendo tua delicada mão,
Emocionado, então, te cumprimentei.

Logo te amei, foi amor à primeira vista,
Como eras bonita, meiga e encantadora.
De família agricultora,
O costume da roça te acompanhava.
Enquanto com teus pais, na sala, eu conversava,
De soslaio, observava e lá na cozinha te via.

Estavas com uma bacia e uma peneira na mão,
A massa de milho de fazer o pão
Tu caprichosamente peneiravas.
Era o cuscuz, pão de milho, como chamavas,
E com tua mão habilidosa a massa esfregavas,
Com amor, preparavas aquela singela refeição.

De pés no chão, os ladrilhos de barro pisavas,
Tua beleza contrastava com a rusticidade do ambiente.
Teus cabelos qual manto dourado reluzente,
Meus olhos encantavam,
Discretamente, flertavas com semblante meigo e sorridente,
Teu olhar belo e atraente, meu coração apaixonava.

Àquela altura, eu já sonhava em te dar um beijo ardente,
Sentamos no batente, contemplando o luar que rompia,
Reclinada no meu peito, tu sorrias,
Meus braços teu corpo abraçavam,
Teus olhos como gemas de água-marinha cintilavam,
Me encantavam teus lábios sedutores.

Policidados pelo luar e seus fulgores,
Nosso primeiro beijo ensaiávamos,
De repente, meus lábios os teus tocavam,
Minhas mãos te acariciavam com ternura,
Sentindo a doçura de um beijo de amor,
Que trazia fervor a um coração apaixonado.

SECA MALVADA

Um garoto com semblante desolado,
No chão assentado, chapéu de palha na mão.
A enxada ao seu lado repousa no chão,
Na sombra de um juazeiro.
Já passou-se janeiro, também fevereiro,
E nenhum sinal de chuva no sertão.
Nem erva seca restou no chão,
A caatinga pelo sol escaldante foi queimada,
É que a seca malvada devastou nossa seara,
Fustigou-nos com vara, afugentando-nos do sertão.

A mulher com uma rodilha numa mão,
Na outra uma lata,
Acompanhada por um vira-lata,
Caminha em busca de um manancial.
O poço está lodaçal,
A pouca água que resta está barrenta,
Pegando um pouco d'água com a cuia, ela experimenta,
Enche a lata e para casa volta desalentada,
É que a seca malvada devastou nossa seara,
Fustigou-nos com vara, afugentando-nos do sertão.

Pensante, o pai caminha no calor da imensidão.
Vestido de um gibão,
Tange as poucas vacas que lhe restaram no cercado.
O suor com lágrimas misturado,
Correndo do rosto goteja no chão,
Vêm, na sua imaginação,
Lembranças dos bons anos de chuva do passado:
Vacas gordas, milho, feijão, leite e coalhada.
É que a seca malvada devastou nossa seara,
Fustigou-nos com vara, afugentando-nos do sertão.

Não sobrou nenhuma plantação,
Tudo pelo sol foi abrasado,
Coitado do gado,
De fome e de sede morreu de inanição.
Procurando um patrão, fazendeiro afortunado,
O pai, desesperado, busca uma última solução.
A tristeza bate no coração,
As portas da sorte estão fechadas.
É que a seca malvada devastou nossa seara,
Fustigou-nos com vara, afugentando-nos do sertão.

A fome assolando o querido torrão, matou nosso gado,
Não ficou nem restolho no roçado.
Silos esvaziados: acabaram-se o milho e o feijão.
Reunindo a família com pesar no coração,
O pai anuncia uma triste decisão:
Vender tudo ao fazendeiro, por pouco dinheiro.
Assenta-se no terreiro, os olhos marejados,
Entrega a Deus o fado, a sorte que lhe foi reservada,
É que a seca malvada devastou nossa seara,
Fustigou-nos com vara, afugentando-nos do sertão.

No dia seguinte, aguarda um caminhão,
De olho na estrada,
Mudança arrumada, pesar no coração.
Para onde irão... morar na cidade,
Mulher e menino já chorosos de saudade,
Ainda não sabendo como granjear o pão.
Em cima do caminhão, o pouco que lhes resta,
A seca da molesta banuiu-os da terra amada,
É que a seca malvada devastou nossa seara,
Fustigou-nos com vara, afugentando-nos do sertão.

CONSELHO AO PENITENTE

Homem, por que choras fremente?
Quando enlaçado pelo pecado,
Eras por muita gente lisonjeado,
Mas tua alma estava fenecente.

Confessaste ao Salvador clemente,
Deixando nos seus pés o fardo pesado,
Proclamaste a libertação com um brado,
Mostrando ao inimigo que és crente.

A conquista e o poder sufocam a gente,
Deixa o espírito exaltado,
É melhor perder o laurel amaldiçoado
E receber o galardão que dura eternamente.

Recomeça tua vida, vai em frente,
Onde há arrependimento, está perdoado,
É melhor cair nos braços do Deus amado,
A seguir nos braços que te abraçam falsamente.

AMIGO PORCO-ESPINHO

Tem amigo que é como porco-espinho,
Dele não se pode aproximar um pouquinho,
Porque ele fura para todos os lados.
Quando o danado amanhece avessado,
Por fora, a tromba ninguém reconhece,
Imagina o que por dentro acontece
Nas entranhas do bicho avessado.

Em um momento, externa carinho,
Abre a boca mostrando um sorrisinho,
Como se fosse um ser amável.
Quando se ver contrariado,
Dá esturros e os amigos desconhece,
A bipolaridade de sobressalto aparece,
E o bicho bruto se vê manifestado.

Se você conhece alguém igualzinho
A esse amável porco-espinho,
Fique atento porque pode ser uma furada.
O bicho é amigo, mas bipolarizado,
Se manifestado, o amigo desconhece,
Até aos mais íntimos aborrece,
Dá coice, embravece e deixa o amigo magoado.

A ESSÊNCIA DO AMOR

Perquiri muito sobre a essência do amor,
O frescor que faz a dor da alma aliviar.
Nos momentos de desespero, nos faz acalmar,
Deixando-nos impregnados do perfume de uma flor.

Vi uma criança que chorava de dor,
Mas uns braços começaram lhe acalantar,
Do choro ao soluçar, serenava ao balançar,
Eram braços maternos que expressavam amor.

Vi o vicejar de uma bela flor,
O cicio da brisa ao lhe balançar,
No pra lá e pra cá, uma abelha a acariciar,
Gestos que fazem lembrar braços maternos de amor.

A essência está na singeleza do amor,
No desprendimento delicado ao amar,
É o entregar sem interesse de ganhar,
Para ver a felicidade vicejar no objeto do amor.

PORCO-ESPINHO

Tem pessoa que é como porco-espinho,
Não se pode aproximar um pouquinho,
Porque ela fura pra todo lado.
Quando amanhece avessado,
Por fora, ninguém conhece,
Imagino por dentro que acontece
Na alma do porco avessado.

Conheço um desse bicho mal-amado,
Acorda ouriçado, pronto pra furar.
Se alguém no seu caminho encontrar,
Mostra logo o seu focinho,
Se não há em quem espetar espinho,
Procura um espelho e começa a brigar,
Fuça e bate até o espelho esfrangalhar.

Oh bicho difícil de domar!
Fico de longe a olhar,
Com medo do bicho se enfurecer.
É insociável e difícil de conviver,
Mas há quem ame o bichinho,
Entre espinhos e carinho,
O medo do bicho vai se arrefecer.

ABRIGO-DELEITO

Mil dormirão ao teu lado,
Dez mil a tua direita,
Mas tu estarás acordado.
Esse é o fado malfadado
De quem o sono espreita.

Se te consome o enfado,
E sono não chega direito,
O corpo está cansado,
O espírito quebrantado,
E a noite é escorreita.

Descansa no abrigo-deleito,
De quem te pode guardar,
Medita nele no teu leito,
Pois nas mãos do amor perfeito,
Tua alma irá descansar.

QUERER SER MENINO

Foi ontem que fui menino,
Já fui moço e rapaz,
Hoje sou velho e incapaz
De voltar a ser menino.

Como é tão pequenino
O nosso tempo fugaz.
Lembro, poucos dias faz,
Que me chamavam bambino.

O viver é dom divino,
Mesmo não sendo vivaz.
Viver mui nos apraz,
Daí querer ser menino,
E viver eterna paz.

COMO NÃO CRER NO DEUS CRIADOR?

O canto que encanta do canário amarelo,
O pica-pau a pinicar com o bico qual martelo,
A beleza do conchris e seu melódico cantar,
O esvoaçar da codorniz pairando sobre o ar,
São coisas de admirar qualquer doutor,
Como não crer no Deus criador?

O João-de-barro constrói com maestria,
Sua casa faz com arquitetura e engenharia,
Ciências que nunca estudou na escola.
O serra-pau a árvore corta e rola,
Sem usar serra ou serrote no seu labor,
Como não crer no Deus criador?

A alvorada se levanta por trás da serra,
Os pássaros cantam, o cabrito berra,
A brisa sopra, perfuma e refrigera,
As flores espargem perfume na atmosfera,
Que se prolifera e se faz encantador,
Como não crer no Deus criador?

A abelha voa e paira sobre a flor,
Extraindo do nectário dulçor
Para elaborar o mel que dar prazer.
O coqueiro seus cocos vai encher,
Sem ninguém ver o processo injetor.
Como não crer no Deus criador?

A natureza e o espaço sideral são deslumbrantes,
Mas as coisas simples são mais fascinantes,
Pois observá-las encanta a mente da gente.
Foi Deus quem tudo fez magnificamente,
Para encantar o homen simples e o doutor,
Como não crer no Deus criador?

FÉ, ANZOL E POESIA

Anzol, fé e poesia,
Um menino com um anzol,
Uma mulher que reza de cachecol,
Um rouxinol que declamando fulgia.

Fé, anzol e poesia,
Com fé, a mulher alcança a prece,
Com o anzol, o menino espairece,
Ouvindo o que o rouxinol tangia.

Anzol, poesia e fé,
O peixe no anzol alegre o menino,
A mulher recebe graça do divino,
Ouvindo o rouxinol em poético café.

Poesia, fé e anzol,
Tomando seu café, a mulher se deleitava,
Ouvindo o rouxinol, o menino se enlevava,
Era poética a cena do menino do anzol.

Fé, poesia e anzol,
O anzol ajudou o menino na pescaria,
O rouxinol alegrou com a sua poesia,
A mulher, hilária, contempla um girassol.

Poesia, anzol e fé,
Café, rouxinol, mulher e menino,
Pode faltar o café à mulher, e o anzol ao menino,
Mas, na vida, não podem faltar poesia e fé.

PÁTRIA AMADA

Pátria amada és dos amantes,
Que se deleitam com tua luxúria,
Enquanto teus filhos vivem na penúria,
Mendigando aos exploradores infamantes.

Tiram o pão da boca do infante,
Para levarem em navios comerciais,
Comem o leite, as carnes e os cereais,
Enquanto teus filhos padecem, cantas: avante.

Teus amantes levam as riquezas minerais,
O ouro, o ferro, níquel e cassiterita,
Cobre, nióbio, manganês e bauxita,
Deixando a assolação das matas, rios e animais.

Ademais, as pedras preciosas espoliaram,
Levaram a água-marinha, o rubi e a rubelita,
Também o topázio, a turmalina e a alexandrita,
O diamante, a safira e a esmeralda carregaram.

Pátria dos teus filhos és mui amada,
Dar um novo brado de libertação,
Manda embora os amantes da exploração,
Salva da escravidão a tua gente amada.

FOME QUE ME CONSUME

Fome que me consome,
Por que não somos iguais,
Uns com tanto, outros com pouco demais?
Eu aqui olhando... que meu olhar me embrome,
A barriga do pobre não aguenta mais.

A inópia de muitos,
A opulência de poucos faz,
Pátria de vasta terra feraz,
Despreza os pobres aflitos,
Com sua miséria se compraz.

Jaz a esperança da criança,
Do adolescente e do rapaz,
Há desolação no rosto do ancião vivaz,
Que não tem mais esperança,
E a pátria amada bravateia: paz.

Deus, tem compaixão dos desvalidos,
Desse povo sofrido qual órfão de pais.
Os ricos da pátria são insensíveis demais,
Seus corações estão empedernecidos,
Só Deus para socorrer os desvalidos dos vendavais.

ROSAS ESPINHEIRAS

Rosas espinheiras
Não dão sombra nem encosto,
Uma alva como as geleiras,
Outra rosada como bronzeado no rosto.

Lá vou eu sozinho maldispuesto,
As rosas que o meu jardim embelezam
Exalam perfume que todos prezam,
Mas não me dão sombra nem encosto.

Quisera fossem um recosto para descansar,
Ou escora para firmar meu passo,
Andando comigo no meu caminhar,
Segurando-me no meu passo a passo.

No descompasso da vida,
Nunca me deram desgosto,
São minhas roseiras floridas,
Eu lhes dou sombra e encosto.

MINHA SERIEMA

Minha seriema indomada,
Com suas pernas altaneiras,
Que um forró dançam ligeiras,
Da vida despreocupada.

Enroupada de jaleco branco,
É compenetrada e sisuda,
Dedicada, noites estuda,
Desafiando todo solavanco.

No seu avanço é destemida,
Ô moça aguerrida no que faz.
Em busca dos seus ideais é tenaz,
Olha no horizonte de cabeça erguida.

É minha seriema querida,
De branco, uma garça elegante,
Que na vida caminha galante,
Em busca da aspiração de sua vida.

ISAAC, FILHO DA VELHICE

Filho da minha velhice,
Que tanto orgulho me traz,
É menino que se acha rapaz,
Mas expressa pureza da meninice.

É amor fruto da velhice,
Que se renova e não acaba jamais,
Quisera ser menino uma vez mais,
Para com ele fazer traquinice.

É curioso na observação da vida,
Fazendo experiências desastradas,
Diz até que já teve namoradas,
Aos seus dez anos de vida.

Eita criança sabida,
É nosso menino rapaz,
Te amamos demais,
És a razão da nossa vida.

LÁ VEM O MENINO

Lá vem o menino a caminhar,
Debaixo de sol causticante,
Passo a passo, vai indo avante,
No futuro distante a pensar.

O sol do sertão não lhe assombra,
O pedregulho do caminho,
Poeira, ladeiras, espinho,
Nem a falta de água e sombra.

No tabuleiro da caatinga,
Do rosto, o suor pinga,
A terra empoeirada a molhar,
Mas nada pode lhe parar.

É Deus quem conduz o destino
Daquele iluminado menino,
Das intempéries a zombar.
Vai menino, vai brilhar.

A JUVENTUDE SE FOI

A juventude se foi na penumbra do tempo,
Deixando marcas de um tempo que não volta mais.
A velhice logo veio como contratempo,
Quando pensava: a juventude não se vai jamais.

Ai, que as flores da primavera feneceram,
O outono chegou, os frutos amadureceram,
As folhas amarelaram e caíram pelo chão,
O inverno está chegando, é tempo de hibernação.

A minha juventude se foi, sem embromação,
As cãs, como folhas prateadas pelo sol do verão,
Adornam os meus pensamentos poéticos,
Da juventude que passou em dias frenéticos.

MENINA ENXERIDA

Menina enxerida que passa requebrando,
Vem com seus passos cruzados a saltitar,
Com a saia plissada que segue rodando,
O vento soprando a sua saia para o ar.

Roda, menina assanhada,
Roda que eu quero ver,
A saia rodada levantada,
Que me mata de prazer.

Que menina travessa que encanta meu olhar,
Faz meu coração palpitar quais saltos dela,
É a menina mais bela de todo escolar,
Pulando e rodando se vai como gazela.

Roda, menina assanhada,
Roda que eu quero ver,
A saia rodada levantada,
Que me mata de prazer.

Pensando, eu espero a bela garota voltar,
No frescor do ar, alegre, pulando e cantando,
Lá vem a mocinha, que bela, a alardear,
Quisera eternizar esta noite namorando.

Roda, menina assanhada,
Roda que eu quero ver,
A saia rodada levantada,
Que me mata de prazer.

DILEMA DO TEMPO

O tempo passou ligeiro,
Ligeiro, eu caminhei,
Parei, então pensei...
No tempo voltarei lampeiro.

Arteiro até tentei
Voltar pela estrada do passado,
Voltei-me, olhei, parei,
Como voltarei no tempo consumado?

Não há como voltar no passado,
Se voltasse, pensei:
O futuro seria passado,
Como voltar ao futuro que deixei?

Lembrarei do meu passado,
E, saudoso, caminharei
O futuro que me foi fadado,
A eternidade caminhando irei.

SÃO JOÃO DO CARIRI

Rainha de vastas terras,
Tu és mãe do Cariri,
Terra de caatingas e serras,
De umburanas, onde pia o juriti.

São João do Cariri,
Terra de povo varonil,
De filhos gentis,
Joia do meu Brasil.

O Taperoá, que rio lindo!
Rio de águas impetuosas
Que descem copiosas,
A Boqueirão seguindo.

Da ponte velha, vê-se o turbilhão
Nas águas barrentas que se vão,
Meninos que da ponte saltam
E, no ar, cambalhotam.

São João do Cariri,
Nas idas e voltas da vida,
Jamais te esqueci,
Em teu seio, encontro acolhida.

Como é bela a velha cidade,
Em cujo calor, o amor me fascina.
Em cujos braços ternos, sou menino,
Velho menino traquino.

LUZIA

Como era bela a minha amada,
Mãos de fada que carícias faziam,
Doces lábios que sorriam
Alegrando minha alma enfadada.

Belo olhar que sem falar me dizia
Afgos ao meu inquieto coração,
Mãos aveludadas, cuja sensação
Serenava minha alma em agonia.

O perfume de rosas que espargia
Inebriava minha alma,
Trazia ao meu espírito calma,
Levando-me a um mundo de fantasia.

Onde está minha amada Luzia,
Que me trazia deleitoso amor,
Quem carregou minha bela flor,
Deixando minha alma em agonia?

GAROTA DA JANELA

Sentada no parapeito da janela,
Lá está a bela, as pernas a balançar,
Com sorriso sedutor a flertar,
Eu passo devagar, fascinado por ela.

Quisera ao seu lado me sentar,
As pernas balançar roçando as dela,
Ou nas suas coxas me debruçar,
E de pertinho fitar os olhos dela.

Ela me ama e o meu coração é dela,
Eu em meu caminho a passear,
Ela a devanear, sentada na janela,
Quimeras de corações, desejosos de amar.

NÃO FOI OBRA DO DESTINO

Quando eu mais precisei,
Os amigos viraram-me as costas,
Desolado, sozinho fiquei,
Por socorro gritei, sem respostas.
Ao Eterno então clamei,
Nos céus, abriram-se portas,
Não foi obra do destino,
Foi providência do Divino,
Mãos eternas abrindo portas.

Quem me via, dizia: que sorte!
Nunca foi sorte, pensei,
Sempre foi Deus com sua mão forte,
Com a sua ajuda, o gigante fustiguei,
Livrei-me da afronta e da morte,
Derrubei o gigante e o triunfo alcancei,
Não foi obra do destino,
Foi providência do Divino,
Mãos eternas, minha alma bendizei.

MINHA ALVA FLOR

Quem levou minha alva flor,
Minha bela margarida,
Flor bela, cheirosa e querida,
Por quem eu tinha tanto amor?

Foi um raptor tosco e desalmado
Que arrancou do meu jardim e levou
A minha preciosa flor, que perfumou,
Nas noites frias, meu corpo desnudado.

Saudades de minha margarida amada,
Nos braços de outro, és querida flor,
Quisera, outra vez, sentir o teu odor,
Nas noites frias, no cair da madrugada.

VEM CÁ, VEM-VEM

Vem cá, meu amigo vem-vem,
Vem cantar no meu pinharal,
Canta aqui no meu quintal,
Canta para ver se a minha amada vem.

Minha amada foi-se pra muito além,
Me deixou por motivo banal,
Dela, não tenho notícia, nem sinal,
Canta, vem-vem, pra ver se ela vem.

Se espero um amor que foi, outro não vem,
Amar quem desamou é paradoxal,
Vem-vem, canta fim-fim, final,
No amor, não se pode cantar: vaivém.

PERTO ESTÁ O AMANHECER

Me vi em meio a tribulação,
Passei noites na escuridão,
Desejando o alvorecer,
Clamei, mas ninguém veio me ajudar,
Quanto mais a noite avançar,
Mais perto está do amanhecer.

Desejei a ajuda de um amigo,
Que me resgatasse do perigo,
Mas ninguém fez caso do meu sofrer,
A negritude da noite me fez soluçar,
Quanto mais a noite avançar,
Mais perto está do amanhecer.

A escuridade me seguia em claro dia,
Cobria-me os olhos, eu nada via,
O sofrimento e a dor não me deixavam ver,
Um vislumbre não conseguia enxergar,
Quanto mais a noite avançar,
Mais perto está do amanhecer.

Mas, de repente, me veio à lembrança:
Se o choro a noite inteira avança,
A alegria virá ao amanhecer,
Por isso, nunca irei desanimar,
Quanto mais a noite avançar,
Mais perto está do amanhecer.

QUERIA SONHAR SER UM RIO

Às vezes, fico olhando a cachoeira,
Vendo as águas que correm a passar,
Passam ligeiras com destino ao imenso mar,
E eu aqui, no marasmo, espiando à beira.

Subindo e descendo na correnteza,
Vem um pau de mulungu rio abaixo,
E eu na pasmaceira, cabisbaixo,
E ele segue seu destino com nobreza.

Quanta beleza do cardume, na cachoeira, a saltar,
Felizes os peixes dançam contra a correnteza,
Desdenham do perigo com destreza,
Quão bela é a natureza sem sonhos a realizar.

E eu a pensar e as águas olhando,
Sonhando... sonhando... a procrastinar,
Queria sonhar ser um rio, quem sabe o mar,
Sem olhar, sem pensar, ir a vida levando,

As águas espumando no seu agitar,
O mundo a banhar, a areia molhando,
Na natureza, a vida saudando,
Convidando a todos para a vida brindar.

VIDA, COCO E COCADA

Sonhei com cocada de coco,
Acordei sem coco e sem cocada,
Para uns, a vida é doce e gozada,
Qual doce da cocada de coco.

Sonhei na praia tomando água de coco,
Vendo as ondas, a marulhada,
Acordei com a mente atordoada,
A rede rangendo: co-cá, co-cá, de coco.

Eita que vida boa, coisas de loucos,
De sonhos, água de coco, coco e cocada,
Assim a vida dura vai sendo adoçada,
Em aventuras seguidas por farricocos.

ACHEI UMA FLOR

Achei uma flor esplendorosa,
Em um encantado jardim.
Inebriei-me com a sua fragrância cheirosa,
Balsâmica qual cheiro do jasmim.

Num encantado jardim, refulgida,
Que linda margarida encantada,
Seria ela amada ou desprezada?
Quem sabe uma bela esquecida.

Se minha fosse, alegrava minha vida,
No meu jardim, acolhida floreava,
Aspergia a relva e perfumava,
Como garoa do céu vertida.

Vestida de brancura e pureza,
Com sutileza roubaste meu coração,
És a mais bela flor da natureza,
Embelezando um pobre chão.

Queria te arrancar com a mão,
Com raízes e torrão, no meu coração plantar,
Com amor, dia a dia aguardar,
Fazendo florescer uma paixão.

Mas és bela na singeleza desse rincão,
Deixaria eu este chão empobrecido?
Ficaria eu, injustamente, comprazido,
Roubando uma flor como ladrão?

Não, irei embora com o coração partido,
Levarei a bela margarida na minha imaginação.
Esvaindo-se a sua imagem e a paixão,
Será mais uma flor admirada, um amor esquecido.

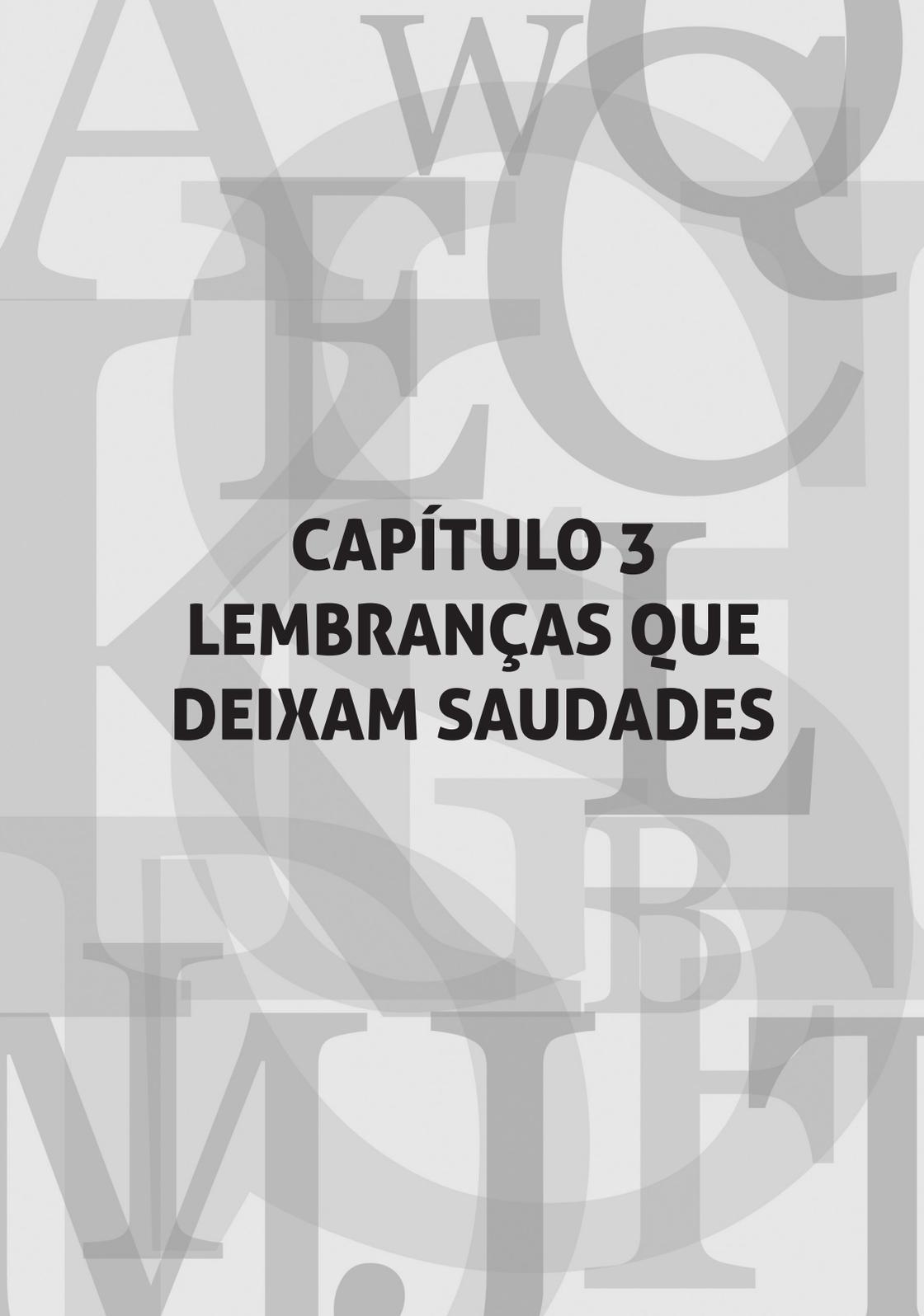
COISAS DO MEU NORDESTE

Não preciso de muita coisa pra me realizar,
Feijão, farinha e jabá pra almoçar,
Uma rede pra balançar, ao cântico do concriz,
Na rede, uma cabocla pra chamegar,
São coisas que só o Nordeste tem pra dar,
Pode acreditar, fazem o cabra da peste feliz.

Como é maravilho o meu Nordeste!
O ano inteiro, é belo o céu azul-celeste,
No sertão, voa pairando a codorniz,
No litoral, o sol irradia as praias do mar,
São coisas que só o Nordeste tem pra dar,
Pode acreditar, fazem o cabra da peste feliz.

A cultura do Nordeste é cheia de emoção,
Forró, frevo, coco, xote, xaxado e baião,
São ritmos que animam a alma, força motriz
Que faz a moça o esqueleto balançar,
São coisas que só o Nordeste tem pra dar,
Pode acreditar, fazem o cabra da peste feliz.

Não troco o meu Nordeste por nada,
Nem pelo oásis do Sul com sua boiada.
Oh terra bela, de povo amável e feliz,
Que da terra seca tudo faz brotar,
São coisas que só o Nordeste tem pra dar,
Pode acreditar, fazem o cabra da peste feliz.



CAPÍTULO 3
LEMBRANÇAS QUE
DEIXAM SAUDADES

TERRA QUE NOS DEU À LUZ

Ruas que me encantam,
Beleza que me seduz,
Pássaros que nas praças cantam,
Vagalumes que à noite nos dão luz.

Casarões que me encantam,
Sol que logo cedo, no horizonte, reluz,
Caminhos que vão e me levam, desencantam,
Caminho de volta a São João me seduz.

Sobrado cuja imponência e beleza arrebatam,
Suas inscrições árabes, ninguém traduz,
Cruzeiro que, à noite, os amantes oculta,
Amando ao pé da Cruz.

Casarão dos Ramos que histórias contam,
Do sótão da sinhazinha, cheio de luz,
Aos sofrimentos da escravidão, que desencantam,
Na escuridão, vozes clamam: Jesus!

Mãe de filhos que abrilhantam,
Uma história repleta de luz,
São João do Cariri teus filhos cantam:
Bem-aventurada és, terra que nos deu à luz.

VELHO MERCADO

Velho Mercado desprezado,
Cuja história está registrada,
A sete chaves guardada,
Em arquivo morto cerrado.

És um majestoso monumento,
Fragmento da nossa história passada,
Nossa memória de porta fechada,
Histórias levadas pelo vento!

Lembro-me das suas cocadas,
O querido doce apreciado,
Das tapiocas de coco rapado,
Delícias pelos feirantes saboreadas.

O pão com doce recheado,
Fabricado por Joaquim,
Era a melhor iguaria do mercado,
Que também tinha picolé e dindim.

Ah, lá no recanto, ficava o café
Da família de Antônio Vadiô,
Com cuscuz, bode guisado e guiné,
Comida caseira com decoração retrô.

Zé Banga vendia calçados,
Para homem, mulher e menino,
Esportivo, social e bico fino,
Em verniz ou engraxados.

O mangaio de Pedro era afamado.
Vendia artigos variados: peneira,
Chapéu, pião, candeeiro, baladeira,
Fogareiro, corda, chocalhos e machado.

No banco de Zé de Cazuza,
O colorido dos tecido era admirado.
Vendia no metro ou rolo fechado,
Estofa para saia, vestido e blusa.

Era fascinante a feira do Velho Mercado!
Mas algum desalmado suas portas cerrou,
Roubando do povo sua história, seu legado.
Velho Mercado, que saudade ficou!

BARREIRINHO

Barreirinho de água excelente,
Quantas histórias passadas,
Em tuas águas azuladas,
Entalhadas na memória da gente.

Ali minha mãe ia contente
Tuas águas doces apanhar.
Na beirada, eu ia brincar,
Criando do barro arte envolvente.

Pássaros cantavam alegremente
Nas juremas floreadas que te rodeavam,
Nossas almas se enlevavam,
Aquele beleza arrebatava a dor plangente.

Quantas saudades no coração da gente!
Da minha mãe, das aves, do soprar do vento,
Do cheiro das flores trazendo encantamento,
Do aconchego da mãe, do frescor fremente.

Essa saudade emergente
Me consola, por um momento...
Ah, se voasse ao passado com o vento
E, extasiado, vivesse tudo novamente.

JOSÉ SALVIANO, MEU PAI

Justiça que cedo não veio, tardando não pode faltar,
O justo vive de justiça, assim como as ondas vivem do mar.

O céu é reino de justiça, assim como o tubarão é o rei do mar,
No céu, o Rei dos reis vive, lugar onde os justos irão habitar.

Senhor é Jesus Cristo, seu reino no céu está,
Justo é o seu nome, sem justiça no céu não se pode entrar.

É para lá que vamos, para o Senhor glorificar,
Sem justiça lá não entra, na terra irá ficar.

Silêncio no céu não tem, é lugar pra se glorificar,
Apenas trinta minutos de silêncio, para a primeira trombeta tocar.

Aleluias ao que assentado no trono no céu está,
Aleluias ao cordeiro, também iremos dar.

Louvor, honra e glória a Jesus Cristo, o Cordeiro que veio nos salvar,
E ao Pai que está assentado no trono, todos terão que dar.

Viveremos para sempre, no eterno e doce lar,
O céu é morada de justo, sem justiça lá não se pode entrar.

Iremos para lá, Jesus em breve virá nos buscar,
Somente Ele é a fonte da água da vida, essa água só Jesus tem pra dar.

Amar, Deus nos amou, como ninguém pode nos amar,
Dando seu filho unigênito para do pecado e da morte nos salvar.

No céu, pecado não entra e impenitente também não pode entrar,
A santificação é necessária, sem ela o Senhor ninguém verá.

O Senhor nos prometeu morada no céu preparar,
Para o céu Ele é o caminho, sem Ele ao Pai ninguém pode chegar.

RÁDIO DE PILHAS CAMPEÃO

Lembrança, recordação, saudade,
Sentimentos que nos invadem sem pedir permissão.
Esteja deitado no chão, em pé, correndo ou à vontade,
De repente, um sentimento danado nos assalta o coração.

Assim também são as notícias que nos dão,
Sejam reminiscências ou notícia do dia,
Como as novidades que meu pai ouvia,
Transmitidas pelo rádio de pilhas Campeão.

Desde sua chegada, foi a maior badalação,
Chegou de madrugada, lembro-me muito bem.
Trazido não sei por quem,
Presente de Juarez meu irmão.

Foi logo fazendo o maior zoeirão,
Deixando toda a gente encantada,
Delirando em noite ilustrada,
Pasmos a contemplarem o Campeão.

Era nossa diversão,
Ouvir o Campeão falar,
Notícias e músicas escutar,
Futebol, cantoria e canção.

Em seu altar de exibição,
Numa mesinha torneada,
Com flores e adereços ornamentada,
Com apreço a gente admirava o Campeão.

No Postal Sonoro, não faltava emoção,
Momentos de alegria e nostalgia,
Música em dedicação que se oferecia,
Corações afagados, cheios de afeição.

São momentos de nostalgia e paixão,
Na tábua do coração inculpidos,
Fragmentos de recados recebidos
Nas ondas do radinho Campeão.

CORAÇÃO: A VACA DE LEITE DE MEU PAI

Menestréis quiseram te louvar,
Poemas a te declamar,
Em louvor a tua beleza.
Formosura da natureza,
Em ti resplandecia,
Te revestias de malhas atraentes.

Tua beleza encantava toda gente,
Teu úbere era exuberante e saliente,
O que exibias mansamente, em teu caminhar.
Como era agradável te olhar,
Durante o pastoreio do gado,
Pastavas no roçado, indo pra lá e pra cá.

Lá no curral, comias ração,
Teu nome era Coração,
Láurea à estima que meu pai por ti sentia,
De amarelo e branco te vestia,
A teimosia era o teu temperamento,
Do teu leite dependia nosso sustento.

Cedinho lá estava Coração,
No meio do curral, perto do mourão,
Lugar por tradição,
Onde meu pai a ordenha fazia,
Ao vê-lo entrar no curral, logo mugias,
Como se o chamasse para a ordenha matinal.

Olhando, a gente via um quadro pitoresco real,
Uma beleza sem igual,
Zé Salviano magistral na ordenha de Coração,
O bezerro amarrado no mourão,
Meu pai sentado no tamborete,
Então, ouvia-se o esguichar do leite, batendo no canecão.

A ordenha era na mão e caprichada,
Com leite se faziam mingau e coalhada,
Umbuzada, e comia-se com xerém e cuscuz,
Coisa que nos seduz, alimento de sustância e prazer,
Como é bom reviver fragmentos da nossa infância,
Sonhar sendo criança, sentindo a fragrância do que ficou
pra trás.

A MINHA QUERIDA FILHA

DÉBORAH AMARAL

Que do colossal jardim da vida,
Você seja sempre essa bela flor,
Exalando agradável odor,
Fragrância exuberante que nos faz amar a vida.

E, nos momentos difíceis, de lida,
Não te esqueças do resplendor,
Do rosto do SENHOR,
Que faz a reviravolta na vida,

Te mostrando uma saída,
Te levando a caminhos iluminados e cheios de vida,
Com prosperidade e amor.

A MINHA AMADA FILHA

ELISA AMARAL

Que o brilho auroral de um belo dia a nascer
Continue resplandecer
Em teus caminhos a te iluminar.
Que o brilho do teu rosto e do teu olhar
Seja fonte a abrilhantar
Em vidas que estão a perecer.

Você é uma bela rosa que jamais vai fenecer,
Na terra fértil do meu coração.
Que o cetro da vitória esteja em tuas mãos,
E “O resplendor do rosto do SENHOR”
Teu coração possa iluminar.
Com amor venho te dedicar
Essa obra das minhas mãos.

ELISA AMARAL

Plantada por Deus em seu roseiral,
Você é uma bela rosa de beleza especial,
Cuja fragrância, sem igual, anima o meu viver.
Seu perfume faz a vida enternecer,
Seu desabrochar, seu florescer vivaz,
De ternura, encheu nossa vida de paz,
Arraigada, jamais fenecerá em nosso coração,
Que o cetro da vitória esteja em suas mãos,
E o resplendor do rosto do SENHOR
Seu coração possa iluminar com fulgor.

O OÁSIS DE DEUS NA MINHA VIDA

Como era exuberante a terra onde eu nasci,
Eu era muito feliz, tudo era abundante,
De manhãzinha, ia ao tanque,
Que atrás de casa ficava,
No caminho que dava pra Serraria.
Ali, minha lata, eu enchia com água cristalina,
Providência divina que do céu caía,
O pote, eu enchia, e nenhum centavo pagava,
Era Deus quem nos dava o pão ao amanhecer,
Como é bom depender do nosso bondoso Pai.

Nada me faltava, naquele pequeno torrão.
Tudo brotava do chão, melancia, maxixe e quiabo,
O caminho do roçado era a praça de alimentação.
A ornamentação era por conta da natureza,
Repleta de beleza, sem nenhuma ilusão.
De um lado, tinha melão, do outro coroa-de-frade,
Frutas de qualidade, sem pagar nenhum tostão,
Compras sem cartão, dinheiro não precisava,
Era Deus quem nos dava o pão ao amanhecer,
Como é bom depender do nosso bondoso Pai.

Em momentos de distração, depois da labuta,
Procurava uma fruta para reforçar a refeição.
Eu e meu irmão saíamos no mato a procurar,
Não demorava encontrar um pé de camapu ou de melão,
Nascido no chão sem ninguém semear.
Comia sem nada ter que pagar,
Pois era Deus com certeza,
Com a mãe natureza, quem tudo bancava,
Era Deus quem nos dava o pão ao amanhecer,
Como é bom depender do nosso bondoso Pai.

Como não lembrar da goiaba, que muito comia,
E da melancia, comprida, redonda ou rajada,
E daquela coalhada, com fuba ou escorrida,
Era a melhor coisa da vida cedinho degustar.
No café, não podia faltar a papa de araruta,
Café torrado com rapadura bruta,
Queijo de coalho assado na brasa até dourar,
Como não recordar o que na infância desfrutava,
Era Deus quem nos dava o pão ao amanhecer,
Como é bom depender do nosso bondoso Pai.

OLHANDO-ME NO ESPELHO DO PASSADO

Como saber se não morri,
Se sei que fui recriado?
Tudo é diferente do passado,
Da vida que antes eu tinha,
No tempo de criancinha,
Que se foi de pressinha até que envelheci.

O batente em que me sentava,
Que o casarão ornava, já não existe mais,
Tudo ficou pra trás,
Hoje só resta vaga lembrança,
Como saber se sou aquela criança,
Dos dias que não voltam mais.

Me lembro, até demais,
Como era a nossa brincadeira:
Barra-bandeira, toca e adivinhação.
À noite, era momento de contação,
Histórias que minha mãe contava.
De nada reclamava, ouvindo sua voz dormia.

Era feliz e tinha alegria,
Minha alma sentia a verdadeira paz.
Tudo ficou pra trás,
Hoje só resta vaga lembrança,
Como saber se eu sou aquela criança,
Dos dias que não voltam mais.

Lembranças, minha imaginação me traz,
De um galo voraz e espertalhão,
Bicho bonito, de penas avermelhadas,
O mais belo de toda bicharada,
Mas sua beleza disfarçava um ladrão.
Ele me roubou um pão, na porta da cozinha.

Olhava o vai e vem das galinhas, distraído,
Quando fui surpreendido pelo bicho audaz,
Tudo ficou pra trás,
Hoje só resta vaga lembrança,
Como saber se eu sou aquela criança,
Dos dias que não voltam mais.

Vejo na minha imaginação vivaz,
Pelo retrovisor do trem da vida,
No passado, uma casa com acolhida,
Pais com muito amor no coração.
Era de lampião, a luz que nos alumiaava,
Mas em minha mãe sobrava divina iluminação.

As flores de breu pelo chão refletiam brilho e beleza,
Expressão de nobreza, de afetos maternos,
Tudo ficou pra trás,
Hoje só resta vaga lembrança,
Como saber se eu sou aquela criança,
Dos dias que não voltam mais.

HOMENAGEM A ELISA, MINHA AMADA MÃE

Eras do jardim a mais bela das rosas,
Tua essência a mais cheirosa, que a todos encantava.
Toda a relva te louvava quando pelo jardim com graça
passeavas,
De bondade contagiavas a todos que em ti se acolhiam,
O amor que aspergiavas, era qual perfume de pétalas de rosa
emanado.

Linda, eras por demais bela e amada,
Entre as moças, uma doce fada, que a meu pai encantara.
Como mãe, eras joia rara, que afago expressava,
Sabedoria ensinavas, a despeito de fazê-lo sem magistério,
Era o dom do refrigério, que te dotara a natureza.

Inspiração, tinhas com destreza, não te faltava,
Os conselhos em ti brotavam, tu eras a fonte inspiradora.
Com sabedoria, eras aconselhadora.
Nos momentos embaraçosos da vida,
Com sabedoria, apontavas uma saída,
Mostrando uma vereda a ser seguida.
Tuas lições jamais serão esquecidas,
Guardadas como preciosidade rara.

Sua grandeza era de joia rara, de valor inestimável,
A safira comparável, adornada de brilhantes cintilantes,
Sua bondade ia adiante, em todas as suas atitudes,
Mulher virtuosa que nos inspirava virtudes,
Nos prevenindo na vida das volubilidades,
Trazendo ao coração tranquilidade,
Lições que jamais serão esquecidas.

Amar era a maior virtude da tua vida,
Era afeição não dividida, mas que se multiplicava.
Pois quanto mais amor tu davas,
Mais o coração de amor se enchia,
Cada um dos quatorze filhos uma poção recebia,
Que não era pedaço, mas um todo inteiro,
E ao teu amor primeiro, esse amor sobejava,
Zé Salviano, teu marido, desfrutava
Desse amor terno e verdadeiro,
Como rosa desabrochaste e murchaste ligeiro,
Deixando em nós o teu precioso cheiro impregnado,
Amor de mãe perfumado, do qual sentimos saudades.

JOSÉ, MEU PAI

Jorrava de ti caráter de nobreza,
Ao tratar a terra com destreza, com tuas mãos puras
calejadas.

Lavrando a terra com uma enxada,
Dali tu tiravas o pão para meninada,
A natureza era respeitada, com ela vivias em harmonia,
Tu te expressavas e ela te compreendia, como era bela essa
amizade.

Quando um dia voaste à eternidade, os campos se viram
em agonia,
Com tua partida, os lírios do campo gemiam,
As flores choravam e pranteavam.

Oorvalho a natureza sobre a caatinga derramava,
Como lágrimas vertidas de olhos que profusamente
choravam,

A natureza então expressava a dor que muito sentia,
Zé Salviano jazia, um vazio imenso ficava,
Todo campo exclamava: oh quanta saudade! E dizia:
Eram as mão de humildade que afagos para terra esbra-
seada traziam,
Lamentando, então se despedia desse amor, dessa amizade.
Quantas saudades, descansa em paz eternamente.

Sabedoria nos resta por herdade permanente,
Bondade nos deixaste por presente, no trato com os demais.

Sabemos que não voltas mais,
Mas um pedacinho de ti guardamos no coração,
São sentimentos de emoção, amor, recordação,
Preciosidades de valor inestimável.
Saudade inesgotável, que te faz aqui presente,
Então sentimos, novamente, teu amor, tua amizade.
Se te esquecemos é sem maldade, por um instante,
A ausência traz saudade relutante,
Na saudade, tua presença reacende do passado,
Assim eternizado, estarás conosco para sempre,
Para um dia eternamente vivermos juntinhos ao teu lado.

É seguindo na singeleza daquilo que por ti foi ensinado,
Em nossos corações gravado,
Laboriosamente inculpido,
No exemplo de amor não fingido, que de ti recebemos no passado,
Nesse fundamento bem firmado,
Nosso lar erguemos e nele a nossa vida tem se pautado,
Queríamos que estivesses ao nosso lado,
Mas o céu te chamou primeiro,
Descansa em paz homem guerreiro,
No repouso da casa do eterno Pai.

A VELHA JANELA DO CURRAL

Como era belo contemplar o sol nascente,
Vê o brilho reluzente pela janela do curral.
Ainda cedinho, sentir o cheiro floral,
Trazido pelo vento que mansamente soprava.
Com uma caneca de café quente que tomava,
Devagarinho abria a velha janela do curral,
Girando uma taramela de pau,
Pelo puxador o janelão de aroeira eu arrastava.

O mugir do gado logo escutava,
Como se fosse um cumprimento aconchegante.
A vista da janela era deslumbrante,
Uma beleza surreal que a natureza ostentava.
Ao meio dia, quando do roçado chegava,
Pendurava a camisa no armador de madeira,
O suor escorria no rosto, sacava a peixeira,
E, numa bacia, as mãos e o rosto lavava.

Recostado no parapeito da janela,
Presenciava uma cena bela,
Um concriz a pinicar uma fruta no cardeiro,
Rolinhas caminhavam em zigue-zague ligeiro,
Faceiras, em busca de um manjar.
Eu ficava fagueiro, a natureza a contemplar.
No soprar do vento, na vida meditava,
Como um camaleão, ignorava o mateiro.

Depois do almoço, no calmeiro descansava
Numa rede de frente pra velha janela,
A imagem era mui bela,
O contrastar da caatinga com o azul do céu,
De um lado, um cavalete com sela e chapéu,
Do outro, um paiol de feijão,
Um rádio de pilha tocava canção,
Ao sopro da brisa, a imaginação viajava ao léu.

Aréu, lembranças minha alma enchia,
Mamãe com um papeiro na janela batia
O mingau de arrozina que esfriava.
Com a beleza da janela, ela contrastava,
Mas a mãe com o mingau era mais bela,
O mingau chacoalhava na panela,
Me entregando, eu devorava num instante,
Era exuberante a beleza que a janela mostrava.

SAUDADE DO MEU IRMÃO

Lembro-me do cajueiro da gente,
Com sua copa imponente e frondosa,
Era lugar de prosa, com Pepé meu irmão.
Ele pulava do chão e se agarrava na galhada,
Entre a folhada, o caju maduro pegava,
Com uma mão se equilibrava,
Com a outra agarrava o fruto cobiçado.
Eita, como era boa a vida do roçado!
Queria voltar no passado,
Para viver tudo novamente.

Lá por volta do meio-dia, no sol quente,
Após o pastoreio do gado do meu pai,
Depois que dávamos água aos animais,
Voltávamos pelo caminho da palma,
Descíamos a barreira do rio com calma,
Molhando os pés na água corrente,
Logo ali à frente, estava o poço do lajeado,
Eita, como era boa a vida do roçado!
Queria voltar no passado,
Para viver tudo novamente.

Naquele poço de água transparente,
Com anzol, a gente pescava,
Não demorava, e logo Pepé gritava:
Fisquei um peixe bravo demais!
Era uma traíra valente e voraz.
Pegar o peixe mordaz era uma façanha,
A tarde já estava ganha em um dia agraciado,
Eita, como era boa a vida do roçado!
Queria voltar no passado,
Para viver tudo novamente.

CANÁRIO AMARELO DE MORADA

Quão deslumbrante era teu canto,
Quão belas eram as tuas vestes douradas,
Eras canário amarelo de morada.
Morada rústica de arquitetura requintada,
Num oco de estaca encravada,
Numa cerca de arame farpado,
Onde com labor e muito cuidado,
Ali tecias o ninho da tua companheira.

Quantas manhãs gélidas e rotineiras,
Rumo à Barra de Figueira, por ali eu passava,
Quando no riacho dos Idalinos apontava,
O teu chilrear se ouvia,
O orvalho da madrugada ainda cobria
As árvores do caatingal,
O sol despontava sobre o matagal,
Exibindo a alva nascente,
Então apressava os passos contente,
Ansioso para contemplar a tua beleza,
Ouvir de pertinho a delicadeza
Da melodia do teu cantar de estalo.

Para mim era um prazeroso regalo,
Dádiva da mãe natureza,
Contemplar aquela pitoresca beleza,
Espreitando por detrás dos arbustos,
Espiar o corrupiar cortejador e astuto,
Em volta da companheira amada,
Galanteando-a com melodia ritmada,
Em canto de escorrido que a seduzia,
Anunciando o alvorecer de um novo dia,
Com cânticos e voos ilustrados,
Oh, como eu queria voltar ao passado
E viver tudo novamente,
Preencher esse vazio reticente,
Que se expressa em profunda saudade.

O campo já não tem a mesma majestade,
De quando na caatinga cantavas,
Como eras diferente dos demais que ali gorjeavam!
Eram muitos que belas melodias entoavam,
Pássaros de espécies variadas,
Cada um na sua galhada,
Cantando conforme lhe dotara a natureza,
Em todos havia beleza,
Mas em ti, a natureza havia caprichado,
Era irradiante a beleza de que eras dotado,
E o teu cântico melódico se sobressaía,
Que saudade daqueles dias,
Dos quais hoje só me resta saudade.

SAUDADE DO FOGÃO VELHO DE LENHA

Fogão velho de lenha e brasas,
Em cujas chapas assavam-se
Piaba e carne de sol,
Seu fogo, à noite, parecia um arrebol,
Esmacendo-se durante a madrugada,
Nas paredes, a tisna da fumaça impregnada,
Adornava o ambiente,
As telhas da cozinha eram pintadas toscamente,
Pelo negrume da fuligem que passava.

Um gancho preso a um caibro o adornava,
Bem em cima da boca do fogão,
Onde eu com minha pequena mão
Pendurava a lata com café que nos aquecia,
No iniciar das manhãs frias,
Tomando o cafezinho com cuscuz e queijo assado.
Fortificado, rachava a lenha e o fogo atiçava,
Então a panela do almoço preparava,
Com toucinho, jerimum, quiabo e feijão.

No cantinho do balcão, a lata de nata ficava,
O calor do fogão a conservava,
Evitando a deterioração,
A batata doce era o nosso pão,
Assada nas cinzas ou cozinhada,
Nas suas brasas, a espiga de milho verde era assada,
Espetada num espeto de pau que eu fazia,
Depois de assada, eu comia,
Assentado nos batentes do casarão.

Que maravilhoso fogão!
Para tudo bem servia,
Cuscuz de milho moído nele se cozia,
Cozinhado no bafo da boca da panela.
Era uma comida singela,
Com leite e nata misturado,
Acompanhado com ovo de galinha estalado.
Como esquecer essa vida de roçado,
Insculpida no coração eternamente.

JUAZEIRO AMIGO

Era uma aventura andar na garrancheira,
Armado com peixeira, espingarda e bornal,
Tinha todo tipo de pau, xique-xique e cardeiro,
Se era noite, agarrava um facheiro,
Uma galha seca de mandacaru-de-facho,
Acendia o facho e caminhava naquele clarão,
À noite ou em pleno solzão, seguia na caminhada.

Era debaixo do juazeiro da latada,
Onde a panela d'água fria ficava,
Naquela sombra, eu descansava,
Matando a sede da minha alma assedentada.

Quando as primeiras chuvas do céu caíam,
Meu pai e minha mãe logo diziam:
Vamos começar o plantio do milho e do feijão.
Já em janeiro, fazia a broca e a coivara do chão
Meu pai com uma enxada a terra cavava,
Atrás eu semeava, cinco de milho e três de feijão,
Se batia a exaustão e precisava dar uma revigorada,

Era debaixo do juazeiro da latada,
Onde a panela d'água fria ficava,
Naquela sombra, eu descansava,
Matando a sede da minha alma assedentada.

No meio do roçado, ele ficava, na subida do balcão,
De longe, as frondes pareciam mão a acenar,
A me chamar para um momento de comunhão,
Me dava a sensação de que queria me acalantar.
Então, ia para lá, mesmo não estando cansado,
Logo, devaneava em meus pensamentos,
Fantasias trazidas pelo vento a uma alma acalantada.

Era debaixo do juazeiro da latada,
Onde a panela d'água fria ficava,
Naquela sombra, eu descansava,
Matando a sede da minha alma assedentada.

O cicio do vento que em suas folhas batia,
Mais parecia acordes celestiais,
Ali eu reclinava e sonhava sobre os capinzais.
Nos devaneios, minha alma vagueava,
Carregada pelos ventos de esperanças viajava,
Até mesmo à França, vislumbrando a bela Paris,
Então acordava feliz, com a alma renovada.

Era debaixo do juazeiro da latada,
Onde a panela d'água fria ficava,
Naquela sombra, eu descansava,
Matando a sede da minha alma assedentada.

VISÃO DO PARAÍSO POR ELIZETE

Era menino pequeno que vivia a brincar,
Mas posso muito bem lembrar,
Minha irmã Elizete relatar uma visão.
Era com muita emoção,
Que a epifania a minha mãe contava,
Dizendo que na alva, Jesus veio lhe visitar,
Para lhe mostrar o lar da eterna felicidade,
Do céu tenho saudade, do paraíso belo e indizível,
Lugar de beleza imarcescível,
Coisas que o Pai tem para nos dar.

Viu o Mestre lhe chamar,
Pelas frestas da imaginação,
Como se de repente saísse desse torrão,
Desta terra esbaforida,
Para por breve tempo ser acolhida,
Nas mansões celestiais,
Gozando na casa do pai, de conforto e amabilidade,
Do céu tenho saudade, do paraíso belo e indizível,
Lugar de beleza imarcescível,
Coisas que o Pai tem para nos dar.

No sítio Barra de Figueira, em seu lar,
O Mestre veio lhe visitar,
Para convidar a um passeio colossal.
Cruzando o espaço sideral,
Chegou a um lugar resplandecente,
Um gozo envolvente sua alma encheu.
Enterneceu-se, sentindo paz e felicidade,
Do céu tenho saudade, do paraíso belo e indizível,
Lugar de beleza imarcescível,
Coisas que o Pai tem para nos dar.

Queria ali ficar, naquele aprazível lugar,
Mas Jesus a lhe consolar,
Disse sua vinda não foi permanente,
Na terra, você ainda tem dias pela frente,
Sua mãe está a lhe esperar,
Você virá pra cá, no tempo por meu pai determinado,
Para ficar ao nosso lado, em eterna felicidade,
Do céu tenho saudade, do paraíso belo e indizível,
Lugar de beleza imarcescível,
Coisas que o Pai tem para nos dar.

SAUDADE DA INFÂNCIA

O sertão contemplava um dia,
Num arrebol de uma manhã feliz,
Ouvindo o gorjear de um concriz,
Em harmônica melodia.
A brisa trazia consigo cheiro,
E a minha alma refrescava,
Era o orvalho que brotava,
Das folhas do marmeleiro.

O cheiro das flores era atraente,
Contrastando com a sua beldade.
No caminho da Barra, seguia contente,
Com um coração puro e sem maldade,
Como é maravilhosa a infância da gente!
Mas, infelizmente, só me resta saudade.

Saudade de quando cedinho eu descia,
Indo pelo caminho do roçado,
Nos ombros, um galão atravessado,
Duas latas vazias e uma cuia.
Seguia por uma vereda olente
Que parecia alamedas enfeitadas,
De longe, avistava as águas azuladas,
Era o barreirinho da gente.

Pelo caminho, aves alegremente cantavam,
Borboletas sobre as flores pairavam,
Colorindo a paisagem com sublimidade.
Oh! Como tudo era mais belo e diferente,
Como é maravilhosa a infância da gente!
Mas, infelizmente, só me resta saudade.

Saudade do poço do lajedo,
Onde brincando, eu pescava,
Com um anzol, daquelas águas tirava
Traíras e piabas das locas do rochedo.
Dava gosto quando cedo eu enchia
A enfieira que de um galho improvisava.
Chegando em casa, os peixinhos tratava,
Assando nas brasas do fogão aquela iguaria,

O tempo não corria e a vida não passava,
Trabalhando e brincando não cansava,
Era o borbulhar do vigor da mocidade.
Sem vaidade, era feliz e vivia alegremente,
Como é maravilhosa a infância da gente!
Mas, infelizmente, só me resta saudade.

CASA MAL-ASSOMBRADA

Casa mal-assombrada,
Eras palco de assombração,
Nas frias madrugadas.

Lembro-me da alma que varria o chão,
Com sua vassoura ilusória,
Seu trabalho perfunctório era vão.

Na escuridão, ouvia-se a alma finória
Que o fósforo repetidamente riscava,
Mas a chama não pegava, era ilusória.

A tocha que nos avelozes se levantava,
O céu cruzava causando admiração,
Saía detrás de casa e, qual balão, vagava.

O homem que caminhava com distração,
Aparecia pra banda do barreiro, onde andava,
Com roupa de mescla azul, olhando pro chão.

A moça que a parede da sala pulava,
Suas pernas esticavam na hora da evasão,
Com discrição a parede-de-meio cruzava.

A alma que se punha entre a rede e o chão,
Com o seu espinhaço, a rede levantava,
O cabra se via subindo na escuridão.

A assombração que a taramela da porta alçava,
Minha mãe corria e fechava a taramela de madeira,
Mas era besteira, a alma novamente levantava.

Eita casa velha do sítio Barra de Figueira,
Quantas estórias de fantasmas, verdadeiras,
Assombrações de arrepiar a cabeleira.

FANTASIOSA JORNADA

Noite bela iluminada
Por lua cheia que se levanta,
Iluminando os montes encanta,
A minha terra amada.

Vagueei no tempo pela madrugada,
Regressando pela imaginação,
A Barra de Figueira de São João,
Me pondo no batente da entrada.

Olhei para a seara banhada
Pelo clarão dourado do luar,
No roçado, o cajueiro a balançar
Com a agitação da brisa soprada.

Uma coruja pousada no mourão,
No terreiro da casa, olhando-me, piava,
Pro caminho da rua eu olhava,
Imaginava quantas caminhadas no solzão.

Senti nostalgia e me bateu a solidão,
Meus irmãos, minha mãe e meu pai,
As ovelhas, as vacas... não existem mais,
Tudo ficou pra trás, restando saudade no coração.

Com emoção me despedia da madrugada,
Noite ilustrada pelo dourado do luar,
A lua na sua revolução a caminhar,
E eu a regressar da minha fantasiosa jornada.

SAUDADE DA INFÂNCIA

Que saudade da pitoresca vida rural!
Logo de manhã cedo no curral,
Meu pai o leite das vacas tirava.
Ele num tamborete se sentava,
Enquanto a ordenha fazia,
Suas mãos pareciam reger uma melodia.

No apertar do peito se ouvia
O esguichar do leite que batia,
No fundo do velho canecão.
Essa recordação arrebatava meu coração,
E a nostalgia me mata de saudade,
Lembrança de uma infância cheia de felicidade.

Saudade do crepúsculo do sol poente,
Quando meu labor concluía finalmente,
Contemplando o arrebol do fim do dia.
Preparava uma delícia que me seduzia,
Com a nata que na lata de leite sobejava,
Pondo açúcar e farinha eu misturava.

Então saboreava aquela iguaria,
Fortificado, ia regressando à cidade,
Deixando para trás aquela labuta bravia.
Punha o pé na estrada com vitalidade,
Pensando nos meus estudos seguia,
Esperançoso de um futuro com dignidade.

Eita quanta saudade!
Desses fragmentos da infância da gente,
Registrados eternamente no coração,
Entalhados pelo destino caprichosamente.
Como é maravilhosa a vida da infância!
Mas agora só me resta saudade, infelizmente.

BARAÚNA DO ROÇADO

Velha baraúna do roçado,
Símbolo da resistência,
Sua resina de sabor adocicado,
Saciou tantas vezes a minha apetência.

O gavião no cume da baraúna pousado,
Espera a presa com guincharia,
Sua valentia o faz respeitado,
Quem olha diz: do sertão ele é a águia bravia.

Jequitibá do sertão esbraseado,
Ostentando elegância e imponência,
Baraúna de floreio branqueado,
Bela e perfumada inflorescência.

A baraúna é símbolo do imortalizado,
O sertanejo, da coragem e veemência,
A baraúna enraizada, o sertanejo arraigado,
No solo quente da caatinga, em coessência.

HISTÓRIAS QUE MINHA MÃE CONTAVA

Quando a penumbra da noite chegava,
Depois que comia o xerém ou cuscuz,
Minha mãe ia pra sala e acendia a luz,
Era lampião a querosene que fumaçava.

Reunindo ao seu redor a meninada,
A contação de estórias começava,
Da São Soubera que aterrorizava,
À Mula-sem-cabeça em galopada.

Aquela diversão tornava as noites ilustradas,
Entretidos nas estórias, a noite passava,
O vento frio que pelas frestas soprava,
Refrescava os corpos de crianças deslumbradas.

Que saudade das estórias que minha mãe contava!
Eram singelas, mas autênticas diversões,
Que encantavam almas e enchiam corações
De crianças inocentes que o Divino abençoava.

ICAPUÍ

Icapuí terra de amor e paz,
Os seus belos coqueirais
Se vislumbram ao descer da ladeira,
Estendendo-se de Mutamba a Barreiras.

É terra acolhedora de pura beleza,
Quem a conhece não esquece jamais.
Do mar, extrai-se grande riqueza,
Como a lagosta e a pesca em currais.

Peroba fascina com suas falésias e corais,
Barra Grande branqueja com suas salinas,
Da Serra, vertem águas cristalinas,
Quão belos são seus manguezais.

Do alto das falésias, veem-se os barquinhos,
Que enchem as praias de Peroba e Redonda,
Ancorados, são acalentados pelas ondas,
Agitadas pelos ventos marinhos.

Com os seus belos corais e praias divinas,
És a menina, cujo amor me alucina demais,
Envolvendo dos meus olhos as meninas,
Encantadas em laços de amores eternos.

VELHAS RUAS

Velhas ruas em cujo solo vaguei,
De paralelepípedos calçadas,
Histórias de vidas registradas,
Nelas palmilhando meu rastro deixei.

Peregrinei em busca de um destino,
Brincando, correndo, idas e vindas,
Descendo ou subindo, caminhadas infindas,
Fragmentos do meu tempo de menino.

Brincadeira de carrinho de rolimã
Na calçada do velho mercado,
Descia com ímpeto, desembestado,
Como se estivesse num tobogã.

São João do Cariri que encanto!
Sol que brilha cedo no horizonte,
Ocaso, pôr do sol visto da velha ponte,
Arrebol belo que veste o céu qual um manto.

AMANTES AO PÉ DA CRUZ

Alto do cruzeiro, talismã dos namorados,
Casais em romaria à cruz profanar,
Profanos sem desejo de rezar,
Ao pé da Cruz, amantes abrasados.

Profanos saciados da luxúria,
As constelações a contemplar,
A lua no céu a perlustrar,
Espiondo os amantes na incúria.

Cruzeiro de São João do Cariri,
Quantos segredos de pecados,
Torpezas dos amantes desbragados,
Descanso e esconderijo de zumbi.

QUISERA DIZER PRO MEU PAI

Me perdoe, meu pai querido,
Não foi rebeldia ou ingratidão,
É que eu me encontrava desiludido,

Quando segui mundo a fora na imensidão,
Tentando encontrar um lugar,
Melhor que meu querido São João.

Novos horizontes fui desbravar,
E descobri que lugar melhor não há
Do que ficar ao teu lado e te ajudar.

Parti pensando que a sorte estava lá,
A felicidade eu almejava,
Gente estranha... não se ouvia o canto do sabiá.

Eu era a última flecha da tua aljava,
Meu guarda-costas, como dizias,
Te vi chorar quando a porta do ônibus fechava.

Viajei solitário por três dias,
Tudo era muito estranho e hostil,
O carro rodava de dia e nas noites frias.

Ceguei no Sudeste do Brasil,
Nada encantador, diferente do aconchego do pai,
Onde me aguardava trabalho vil.

Quanta ilusão e a vida se vai,
O tempo se foi e não volta mais,
Quisera dizer pro meu pai,
Voltei, não te deixarei jamais.

ESPIANDO AS ÁGUAS DO TAPEROÁ

Lá do lajedo, ficava eu espiando
A cheia do Taperoá passar,
Lado a lado, as barreiras transbordando,

Ali estava eu, contemplante, a sonhar,
Desejando ser um caudaloso rio
Para romper obstáculos e o mundo conquistar.

Olhando o impetuoso rio bravio,
Ao ronco das águas me enlevava,
Divagava, na imaginação, pelo Brasil.

Que belo rio! Solitário, imaginava.
Troncos de árvores passavam na correnteza
Com a mão, eu para eles acenava.

Desejava sobre eles navegar, com afoiteza,
Sair rio afora, nas águas, subindo e descendo,
Perlustrando, contemplar a bela natureza,

Livre, na torrente me comprazendo,
Navegando em improvisada embarcação,
Com emoção, nas águas, subindo e descendo.

Retalhos do meu querido São João,
Fragmentos da infância na Barra de Figueira,
Reminiscências, insculpidas no coração,
Da minha terra amada, abençoada e fagueira.

MINHA JORNADA

Quantas jornadas realizei
No caminho estreito e pedregoso,
Esperançoso, jamais me desesperei.

Firme, no terreno escabroso,
Lá ia eu, sem nada questionar,
Cumprindo a minha sina, brioso.

Boné, bernal e espingarda de caçar,
Era o que me reservou o destino,
O caminho do fado devia trilhar.

Atravessava, no frescor matutino,
O leito arenoso do Rio Taperoá,
Feliz, sentindo o cheiro campino,

Imaginava, minha vida o que será?
Mas sempre com esperança no coração,
Pés no chão... brilharei um dia, oxalá.

Após hora, chegava no meu chão,
Barra de Figueira, terra abençoada,
Lugar de labor e preparação.

Ali, cumpria minha jornada,
Com desvelo, satisfação e amor,
Voltando na tardinha dourada.

Pé na estrada, com todo vigor,
A esperança não deixava fugir,
Contemplando, do ocaso, o rubor.

Ao Senhor pertence o porvir,
Sobre meu futuro não duvidava,
Pensava: as portas irão se abrir.

Não é que Deus me espiava!
Guardava-me com mão poderosa,
Meu porvir Ele já planejava,
Vida de paz, vida vitoriosa.

OBSERVANDO A VIDA

Ali estava eu, numa pedra, sentado,
Observando a pouca água que restava,
Uma poça d'água, calcada pelo gado,
Onde a criação se dessedentava,
Também iam beber aves em voejado.

Compenetrado, já cansado do labor,
Afagava-me ver os galos-de-campina,
Festejando a vida, sem langor,
Como que agradecendo a provisão divina,
Cantavam, pulavam, voavam, sem dissabor.

Com vigor, um borreguinho mamava,
Enquanto a ovelha bebia a água enlodada,
Em sua pureza, da natureza, nada reclamava.
Em cima de uma ovelha malhada,
Um bem-te-vi uma toada cantava.

E eu, sentado na pedra, observava,
O sol já declinava no horizonte,
Breve, à noite, a lua se apresentava,
Lua cheia que surgia por detrás do monte,
Dourando o sertão que eu tanto amava.

Na brisa da noite, debulhando fava,
Na porta de casa, contemplando o luar,
A coruja a piar, de longe me olhava,
O tempo passava, a lua no céu a perlustrar,
E eu, sem me preocupar, a vida prezava.

Sobre o livro

Projeto gráfico e capa	Erick Ferreira Cabral
Revisão linguística e normatização	Elizete Amaral de Medeiros
Impressão	Gráfica Universitária da UEPB
Formato	15 x 21 cm
Mancha Gráfica	10 x 15 cm
Tipologia utilizada	Chaparral Pro 11/13 pt
Papel	Pólen 75g/m ² (miolo) e Cartão Supremo 250g/m ² (capa)

Encontrei Minha Alma na Poesia é uma coletânea de poemas: sonetos, líricos e poemas narrativos, que trazem à memória a vida rural em minha cidade, São João do Cariri, a infância, amores e saudades, retratando, também, a beleza do nosso amado Nordeste. Tenho certeza de que esses versos irão tocar a alma do leitor, fazendo emergir emoções contidas no recôndito do coração, fazendo reviver reminiscências e paixões adormecidas, enlevando-o em espírito a uma vida de encanto e amor.

ISBN: 978-85-7879-701-0



9 788578 797010

